SÁ DE MIRANDA

E A SUA OBRA

DECIO CARNEIRO

SÁ DE MIRANDA

E A SUA OBRA

LISBOA
Antiga Casa Bertrand — José Bastos
73, Rua Garrett, 75
1895

Tiragem especial de vinte e cinco exemplares em papel superior, numerados e rubricados pelo auctor.

LISBOA
Barata & Sanches (antiga casa Adolpho, Modesto & C.ª)
Rua Nova do Loureiro, 25 a 39

AO DISTINCTO ADVOGADO

Aureliano de Mattos

Como tributo de consideração e amizade

O ESPIRITO D'ESTE TRABALHO.

Para o completo, universal triumpho :
Almeida Garrett.
(O RETRATO DE VENUS — C. 3.º)

São tres os principaes trabalhos publicados ácerca de Sá de Miranda.

Em ordem chronologica, o primeiro e indiscutivelmente o mais valioso é a *Vida*, que acompanha a segunda edição das suas obras poeticas, datada de 1614. A *Vida*, em puro estylo quinhentista, de auctor anonymo, apresenta-se como *collegida de pessoas fidedignas que o conhecerão* — ao poeta — *e tratarão e dos livros das gerações deste Reyno.*

Barbosa Machado attribuiu essa biographia-critica de Sá de Miranda a Dom Gonçalo Coutinho mas não adduziu provas para fundamentar a sua affirmativa. Todos os escriptores, porém, lh'a acceitaram como demonstrada. Apenas o sr. Theophilo Braga, em sua *Historia dos Quinhentistas*, lhe pesou o valor e reforçou a allegação do illustre auctor da *Bibliotheca Luzitana* com as relações havidas entre D. Gonçalo Coutinho, poeta tambem da escola classico italiana, e os individuos a quem elle recorreu para a sua biographia.

Seja ou não de D. Gonçalo Coutinho, e não obstante a sua lamentavel pobreza de datas historicas, a *Vida* é um documento preciosissimo. Tem servido e servirá sempre de base a todos os trabalhos reconstruitivos da biographia da poderosa individualidade a quem se deve o movimento que tão alto levantou a litteratura portugueza e a fez attingir culminancias nunca alcançadas posteriormente. E tanto mais apreciavel é a *Vida* que a sua veracidade se comprova facilmente pelas *Cartas*, verdadeira autobiographia do poeta.

Foi a *Vida* o fio porque se guiou o sr. Theophilo Braga, em sua *Historia dos Quinhentistas*, em a parte particularmente referente á *Vida de Sá de Miranda*. Este o segundo trabalho de mór valia que temos sobre o grande poeta. Trabalho apreciavel e erudito, mas mais propriamente parte do estudo de uma escola litteraria, como é, que destinado a pôr em relevo, em toda a viveza de suas côres, a biographia de Sá de Miranda e o seu valor como philosopho e poeta.

Obra por egual notavel em erudição e em critica, a da ex.ma sr.a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos. Tambem a sua edição das *Poesias de Francisco de Sá de Miranda*, feita sobre cinco manuscriptos ineditos e todas as edições impressas, é a mais valiosa de todas, a mais importante.

Um dos manuscriptos de que a illustrada senhora, benemerita das lettras portuguezas, se serviu habilitou-a a conhecer quaes foram as poesias, ou melhor, quaes os grupos de poesias, os *mss.* separados, que Sá de Miranda enviou, por tres vezes, ao principe D. João. Esse *ms.* é, demais, preciosissimo porque representa uma redacção primitiva, original, feita com cuidado e com o intuito da offerta. D'ahi, indubitavelmente, uma coordenação subordinada a certos principios e que denuncia a mão do proprio poeta. As edições, até então feitas, haviam-o sido sobre manuscriptos distribuidos a amigos e discipulos.

A ex.ma sr.a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, corrigindo rigorosamente aquelle *ms.* fundamental da sua edição, deu-lhe não o caracter de diplomatica, sim de normal. Esse codice vem representado no texto pelas tres primeiras partes, reproducção integral, livre de restaurações e renovações arbitrarias, mas emendada onde havia erros visiveis e inilludiveis e systematicamente orthographada, em harmonia com os principios do escriba, com alguma, pouca, pontuação, pouquissimos accentos e resolução de todas as abreviaturas. Acompanha a edição um extenso corpo de variantes.

Esplendido trabalho de erudição, o da ex.ma sr.a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, é ainda enriquecido com uma *vida* e *commentario* notabilissi-

mos. Como estudo de profundo saber ficará considerado monumento perduravel e guia indispensavel para obras futuras.

A ex.^{ma} sr.^{a} D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos e o sr. Theophilo Braga, apoiando-se na *Vida*, investigaram e esgotaram, por assim dizer, quanto a respeito de Sá de Miranda se pode escrever. Não que hajam aclarado todos os pontos duvidosos da obscura biographia do nobilissimo auctor das *Cartas*. Isso, todavia, é assumpto para futuras e demoradas investigações.

Comprehende-se, pois, que o presente trabalho não é positivamente novo. Tomando por base a *Vida*, aproveita todos os resultados adquiridos por os anteriores, comparando opiniões desencontradas e procurando projectar a mais intensa luz sobre a biographia e a obra do grande Sá de Miranda. Tudo documentado, tanto quanto possa ser, por citações das cartas e eclogas do poeta, pois que, das suas producções, as mais d'ellas respeitam *sobre casos particulares que succederam na côrte em seu tempo*.

O intuito primordial do presente estudo é tornar conhecida a vida d'esse vulto sympathico da nossa historia litteraria, mostrar a estreita relação que ha entre ella e a sua obra, e restituir, ante a geração actual, o poeta ao logar a que tem direito pela independencia do seu caracter, pela auctoridade indiscutivel que lhe dava esse mesmo caracter, e pelo alto valor de sua poesia, toda conceituosa e philosophica. Isto apenas desejava conseguir o auctor para poder justificar a si proprio a audaz tentativa que emprehende.

Lisboa, agosto de 1895.

Escreveu o mallogrado Pinheiro Chagas, referindo-se ao director espiritual e mestre dos lyricos do seculo XVI, ou da escola chamada classico-italiana, que — se Camões, como os Jeronymos de Belem, significa a resistencia do estylo nacional e da tradição nacional á Renascença classica, Sá de Miranda representa o enxerto da litteratura classica em um vigoroso rebento nacional. Nenhum outro juizo, como o do nosso grande historiador contemporaneo, poderia assignalar melhor o logar de Sá de Miranda no movimento litterario nacional portuguez. Cultor fervoroso da tradição portugueza em seus primeiros tempos de poetisação, o illustre solitario da Tapada, ao dedicar-se ao estudo e á imitativa dos classicos da antiguidade grega e romana, não quebrou, talvez porque o não quizesse fazer, os laços que o prendiam ao espirito que lhe guiara os primeiros passos.

Sá de Miranda, como nota o sr. Theophilo Braga, fez uma revolução profunda na poesia portugueza, foi a alma da bôa litteratura e o poeta que mais propagou a tradição classica entre nós, no seculo XVI. Comtudo, o classicismo n'elle não passa de um enxerto, mera tentativa não sem valor, mas destituida de vida. E a sua gloria está toda, exactamente, em o que a sua obra tem de genuinamente portuguez. As suas *Cartas*, satyras admiraveis, são em todos os sentidos verdadeiras perolas da nossa litteratura.

É certo que o classicismo, a brilhante Renascença, auroreava já no horisonte do Portugal litterario. Encontrára mesmo alguns adeptos apaixonados, mas que, faltos de talento, lhe não tinham dado impulso. Se algumas tentativas houve antes de Sá de Miranda, tão fracas foram que não tiveram seguidores. Elle seu principal e verdadeiro propulsor.

Em sua educação primeira, Sá de Miranda recebeu necessariamente uns laivos de classicismo pelo estudo das obras dos poetas gregos e latinos.

Nem de outro modo se poderia explicar a sua inclinação manifesta em esse sentido. A *Vida* dá conhecimento de que, em 1584, um fidalgo de Lamego, Gonçalo da Fonseca de Crasto, possuia um *Homero* com notas á margem feitas em grego pelo douto Sá. Prova de que Sá de Miranda recebeu uma educação classica.

Esclarecerá tudo, talvez, o saber-se que Sá de Miranda nasceu em Coimbra, que vem sendo de seculos o mais importante centro intellectual do paiz. Centro que tem inspirado a poesia desde Sá de Miranda até Garrett e, posteriormente, até João de Deus, Guerra Junqueiro, Anthero e Eugenio de Castro. Coimbra, a cidade das melancolicas margens do Mondego, a que as lagrimas de Ignez tornaram lendario e querido dos poetas, a Coimbra dos estudantes... Antiga e nobre cidade, como Sá de Miranda lhe chamou em uma das suas *Cartas*, a dirigida a Pero de Carvalho.

Da antiga e nobre cidade
Som natural, som amigo.

Cidade cuja belleza maravilhosa sempre amou e louvou com o carinho de filho amantissimo.

Cidade rica do santo
Corpo do seu rei primeiro
Que ainda vimos com espanto
Ha tam pouco, todo inteiro,
Dos annos que podem tanto.

A nobre e leal Coimbra.

Outro rei, tanto sem mal
Que lhe empeceu a bondade,
O quarto de Portugal,
Qual teve ele outra cidade
Tam constante e tam leal?

Do nascimento de Sá de Miranda affirma a *Vida* que o poeta viu a luz em *o mesmo dia em que el Rey Dom Manoel tomou posse do governo destes Reynos*. Sobre qual tenha sido esse dia levantou-se divergencia de opiniões. Uns pretenderam que fosse fixado a 24 de outubro de 1495, como o admittiu o sr. Theo-

philo Braga, em sua *Historia dos Quinhentistas*, livre da supposição de, pela logica dos factos, ser levado a crer que o poeta tivesse nascido muito antes d'esse anno. Outros escriptores attribuiram-lhe a data de 27 de outubro, para a qual se inclinaram a ex.ma sr.a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos e Pinheiro Chagas.

A logica dos factos não mentiu ao sr. Theophilo Braga. Sá de Miranda viu a luz necessariamente muito antes do anno admittido geralmente. Demonstra-o, irrefutavelmente, um precioso documento recentemente encontrado, em a Torre do Tombo, pelo incansavel investigador e erudito escriptor, sr. dr. Sousa Viterbo: — nem mais nem menos do que a carta de legitimação do grande poeta, datada de 1490, em que apenas se faz referencia a Francisco, filho do conego Gonçalo Mendes, que, não resta duvida, é o nosso poeta. Ha pelo menos, portanto, a recuar uns cinco ou seis annos a data de seu nascimento, o que não deixa de ter importancia para a comprehensão da sua vida.

Da filiação de Sá de Miranda apenas se conhece o nome do pae, o conego Gonçalo Mendes de Sá, embora o sr. Theophilo Braga o diga filho de D. Filippa de Sá. Errada interpretação, como o apontou Camillo Castello Branco, da noticia attribuida a D. Gonçalo Coutinho. A *Vida* é bem expressa dizendo que o poeta *foy filho de Gonçalo Mendes de Sá e neto de João Gonçalves de Miranda, que viveo junto a Buarcos e de Dona Phelippa de Sá sua molher*. Clarissimo, pois, que Sá de Miranda era neto, e não filho, de *Dona Phelippa de Sá*. Quem fosse a mãe, se plebea ou nobre, é mysterio que a alludida carta de legitimação vem desvendar.

Descendia, portanto, Sá de Miranda, da antiga geração dos Sás, geração que deu a Portugal muitos filhos illustres, cavalleiros, prelados e escriptores de renome e dos quaes um irmão do nosso poeta, Mem de Sá, é um nobilissimo exemplo. Mas, essa geração tambem legou ao mundo alguns scelerados de marca. Um dos proprios filhos de Sá de Miranda demonstrou exuberantemente quanta bilis corria entre o sangue generoso d'essa illustre familia.

A avó do nosso poeta, *Dona Phelippa de Sá, era filha de Rodrigues de Sá, e neta de João Rodrigues de Sá, o primeiro que chamarão das Galés assas conhecido em tempo del Rey Dom João de boa memoria.* Sá de Miranda estava assim aparentado com as mais nobres familias do paiz e mesmo com a illustre familia Colonna de Italia. Era-o, tambem, com a fidalguia de Hespanha. A origem hespanhola dos Mirandas explica, como quer o sr. Theophilo Braga, os versos em que o poeta se dá por parente do fidalgo asturiano Garcilaso de la Vega.

Os primeiros annos de sua vida, parece, Sá de Miranda passou-os nas poeticas margens do Mondego, em Buarcos, em casa de seu avô paterno João Gonçalves de Miranda. Deve ter estudado as *primeiras letras de humanidades* em Coimbra. São, porém, completamente desconhecidas as primeiras impressões de sua mocidade e nem se póde conjecturar ácerca dos seus primeiros professores e estudos.

Desconhecem-se, egualmente, quaes as relações em que estava a familia de Sá de Miranda para com o monarcha. Devem ter sido cordeaes, pois que a *Vida* affirma que o nosso poeta veiu para Lisboa estudar Leis em a Universidade, não que *por inclinação que tivesse aquella maneira de vida* mas *obedecendo a seu pay que lha escolhera* e, tambem, *em obsequio ao gosto del Rey Dom João o Terceiro.*

Em 1516 devia ter concluido a sua formatura. Isto se deprehende de, por essa epoca, já ser tratado por doutor. No *Cancioneiro geral*, colligido por Garcia de Resende, encontram-se varias glosas e cantigas de Sá de Miranda com a rubrica — *Do Doutor Francisco de Saa, grosando esta cantigua de Jorge Manrrique.*

Sá de Miranda seguiu os seus estudos com *felices porgressos e sahio grande letrado.* D'ahi, decerto, tendo um curso distincto, o ser escolhido para ficar em a Universidade, professando as disciplinas que frequentara. Pelo menos, a *Vida* affirma que o poeta *tomou o grao de Doutor e leo varias cadeiras daquella faculdade.*

Então, os poetas eram geralmente jurisconsultos, phenomeno este que hoje se dá como maravi-

lha. Ferreira, que egualmente reunia as duas qualidades, á primeira vista incompativeis, de doutor e poeta, defendendo essa alliança, dizia:

Não fazem damno ás musas os doutores,
Antes ajuda a suas letras dão.

A passagem de Sá de Miranda pelo professorado da Universidade foi rapida. A *Vida* diz que o poeta, *conhecendo os perigos que o uso desta sciencia tras consigo em materia de julgar, tanto que lhe faltou seu pay não só deixou de todo as escollas, mas engeitou os lugares do Desembargo, que por muitas vezes lhe forão offerecidos.*

O doutor Francisco de Sáa tinha, certamente, alguns bens que lhe permittiam custear a vida embora modestamente, e, d'ahi, o desprezar os empregos da côrte. Caracter altivo e independente não queria ceder da sua liberdade. Assim, poude dedicar-se completamente ao *estudo da Philosophia Moral e Estoyca a que sua natureza o inclinava*, e em que se tornou consummado.

Pela familia illustre a que pertencia, pelas estreitas relações em que ella estaria com o paço real e pelas recommendações especiaes que traria, Sá de Miranda, ou, como era conhecido, *Francisco de Sáa*, encontrou um cordealissimo acolhimento no palacio do faustoso monarcha D. Manoel. No intervallo das lições, nos ocios que lhe deixava a sua applicação ao estudo, frequentava os serões da côrte portugueza, em pleno esplendor então que Portugal attingia as culminancias do poderio moral e material. Era a bandeira portugueza desfraldada por todo o mundo, os reinos caindo ao embate das armas do pequeno povo das costas atlanticas da peninsula hispanica, o nome de Portugal acatado com respeito, tanto que o Rei Venturoso sentiu os primeiros assomos da idêa avassalladora da monarchia universal.

A realeza procurava reunir em seu torno, em o palacio real, os espiritos mais cultos do paiz. Entoava-se como que um côro de louvôres, de canticos de alegria, em volta do feliz monarcha de um povo que tão extraordinarios paizes desvendára e dera á civilisação. E como poderia deixar de o ser,

se a epopêa era maravilhosa. Andava-se em ethereo paraizo. Tudo era fausto, tudo gloria, tudo um sonho infindo como infindo o horisonte que o nauta persegue.

Notabilissimos os serões d'essa corte faustosa que começava a effeminar-se na ociosidade da victoria e no goso das inexgotaveis riquezas conquistadas, e que, assim, preparava proximos desastres. A sua pompa e sumptuosidade excedia tudo quanto se poderia conceber. A imaginação mais viva e ardente luctaria por os descrever em todo o brilho. A sua fama foi em um crescendo continuo, passou as fronteiras e repercutiu-se lá fóra, até se tornar universal. Os não menos famosos da corte pontificia de Leão x ficaram-lhe sempre áquem e muito.

O doutor Francisco de Sáa, elle proprio, tomou parte em os certamens poeticos realisados n'essa côrte esplendida. Ahi se encontrou em contacto com os homens notaveis da época, sobretudo poetas. Em a côrte se relacionou Sá de Miranda com o bucolista Bernardim Ribeiro a quem tomou amizade sincera e por quem sempre foi dedicado. De então datam, egualmente, as estreitas relações que manteve em toda a vida com o principe Dom João, filho de el-rei D. Manuel, relações que se sustentaram atravez de todos os acontecimentos, pois que o mesmo D. João, quando já no throno, jámais deixou de patentear a sua estima ao poeta, de o proteger e de lhe apreciar as producções.

A estrella de maior brilho da côrte de D. Manuel era ao tempo ainda a tão formosa quanto esquiva D. Leonor de Mascarenhas, diz-se que dama da rainha D. Maria. Senhora de dotes e qualidades pouco vulgares, constituia ella o alvo das attenções dos mais galantes cavalleiros a par de inspirados poetas, como D. João de Menezes, Fernam da Silveira e outros. A espada que galhardamente lhes pendia do cinturão, emquanto trovavam á *sua dama*, e que matava o audaz rival, era, tambem, a lusa espada pelejadora pela patria e pela religião.

Em o *Cancioneiro de Resende* encontram-se muitas referencias a essa illustre senhora. A fidalguia porfiava em agradar-lhe, cercava-a de galanteios para lhe merecer os sorrisos. Não consta que

ella se tenha rendido a qualquer d'elles. A tradição dá-a como um modelo de esquivança.

Mais tarde, quando a fumarada das primeiras fogueiras do Santo Officio ennegrecia o azul alegre e puro do nosso admiravel ceo, a suspeita e o temor invadiam as consciencias, Sá de Miranda relanceava os olhos pela estrada do seu passado, revia os tempos da sua mocidade e recordava-se com profundissima saudade d'esses serões. Não que ao poeta seduzisse o fausto, mas a fina e intelligente companhia que n'elles havia, n'aquelles serões de subtis e delicados motes.

> Os momos, os seraos de Portugal,
> Tam falados no mundo, onde são idos?
> E as graças temperadas do seu sal?
> Dos motes o primor, e altos sentidos?
> Ums ditos delicados cortesãos,
> Que é d'eles? Quem lhes dá sômente ouvidos?

E com que energia fustigava a decadencia miseravel que levára a essa desolação!

> Lançou-nos a perder engenhos mil
> E mil este interesse que haja mal,
> Que tudo o mais fez vil, sendo ele vil!

Os ultimos trovadores do *Cancioneiro* de Resende, Sá de Miranda ainda os conheceu ou ouviu as suas poesias. Em começo de frequentar a côrte repercutiam-se n'ella os ultimos echos dos cantares do mimoso D. João de Menezes, um dos mais afamados d'aquelle tempo, e que devia a sua nomeada ao chiste, á graça arrebatadora, á facilidade com que glosava os motes apresentados pelas damas do paço. Cavalheiro amabilissimo, eximio na arte do galanteio, D. João de Menezes fizera-se adorado. As suas canções foram ouvidas e estimadas ainda muito tempo após a sua morte, revestindo a sua memoria lendaria uma aureola de consagração.

Particularmente bem acceito, amimado mesmo, o dr. Francisco de Sá de Miranda, espirito engenhoso, talento a desabrochar, deixou-se influenciar pela maneira e pela fórma das poesias dos ultimos trovadores da côrte manuelina. Foi em sua

corrente, poetando como elles, tomando-os como modelos e seguindo os na esteira. Sobretudo, as poesias de D. João de Menezes mereceram-lhe especial consideração e estudo.

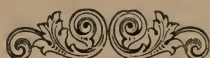
D'esse tempo a maior parte dos seus *vilancetes* e *cantigas*. Composições faceis, de estructura simples e superficiaes, algumas d'ellas são, entretanto, como as aprecia a ex.ma sr.a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, perolas de raro valor e flores de delicioso perfume. Sá de Miranda cultivou, assim, n'esse primeiro periodo de seu labor, a tradição da chamada *escola velha*. Pode-se affirmar, sem receio de contradicta, que o fez com notoriedade. Muitas das suas poesias de então apparecem no *Cancioneiro geral*.

Tem-se levantado grande celeuma sobre um pretendido sentimento de acerbo desgosto, de profunda tristeza, manifestado n'essas primeiras composições poeticas, desgosto a que se pretende ligar uns infelizes amores por uma tal *Celia*. Que estes amores sejam ou não ficção, é ponto hoje controverso e sel-o-ha, talvez, por muito tempo. A verdade é que a taciturnidade do nosso poeta não era extemporanea. Vinha do temperamento proprio de Sá de Miranda, um pouco do caracter ethnico da região de sua naturalidade e a evidencial-o está a inclinação philosophica de toda a sua vida.

E' provavel que o moço dr. Francisco de Sá se não esquivasse a qualquer intriga amorosa em palacio. No verdor dos annos, em uma côrte a corromper-se, com as facilidades que de per si se proporcionavam, como poderia deixar de se prender pelo donaire de qualquer gentil dama? Envolver se-hia em algum caso mais serio e escandaloso, e d'ahi o dizer-se, posteriormente, que a sua viagem á Italia tivera por causas primordiaes questões na côrte.

A *Vida* sustenta que, levantando-lhe a philosophia *o pensamento ao desprezo de todas as cousas de cá quis peregrinar pollo mundo, porque no repouso a que determinava recolher-se o não inquietassem as novas do que não vira*. Pode-se d'aqui deprehender que esse

Homem de um só parecer,
de um só rosto, e d'ũa fé,
d'antes quebrar que torcer,

começava a profundar a base falsa da sociedade em que vivia? Será dado inferir-se que era a decadencia que elle antevia imminente, que o levava a despresar os folguedos e a aborrecer *as cousas de cá?* Talvez.

Sá de Miranda era um espirito observador e comparativo. De temperamento taciturno, *grave na pessoa*, *melancolico na apparencia*, *mas facil e humano na conversação*, *engraçado nella com bom tom de falla*, *e menos parco em fallar que em rir*, fatigar-se-hia, por vezes, dos passatempos frivolos da côrte estouvada e procuraria em o estudo um refugio para retemperar a sua actividade. De mais, illustrado e laborioso, não pensaria apenas em folgar e poetar. Applicava as suas faculdades intellectuaes, analysava e produzia. Ninguem melhor do que elle conheceria o trabalho espiritual de sua época.

O movimento litterario tornara-se essencialmente palaciano no reinado do feliz D. Manoel. Natural attracção da realeza esplendorosa. Tambem, o soberano venturoso iniciara a politica de unidade monarchica com as celebradas *Ordenações Manuelinas*, cujo pensamento capital, traduzido pela reforma dos foros, era a concentração, em o poder real, dos privilegios locaes e a extincção das antigas tradições feudaes.

A poesia cessára, portanto, de ser puramente popular, nacional, de se inspirar directamente nos actos da vida do povo, para se converter em graciosa e cortezã. Não que aquella desapparecesse de todo, pois, felizmente, não deixara de se manifestar a reação. As formas palacianas tinham conquistado, porém, o predominio sobre as classes mais illustradas.

Admiravel e prestadia manifestação poetica, o trovadorismo acabara por se estagnar nas superficialidades da côrte, ao contacto dos costumes de uma nobreza propensa á ociosidade e á fatuidade pelo saciamento do oiro. Reduzira-se a um lyrismo artificioso e destituido de sentimento pela carencia absoluta de motivos emotivos, de actos inspiradores. O seu fim era, sobretudo, o bom dito, a impressão sobre os presentes, impressão, está bem de ver, muito pessoal e passageira.

E decaira tanto o trovadorismo que se pozera servilmente a imitar os hespanhoes e até a adoptar a lingua d'aquelles para as composições poeticas. Precaria, então, a existencia da portugueza, nobre e bella como nenhuma outra. O melhor testemunho d'essa decadencia encontra-se no *Cancioneiro geral* de Resende, archivo da fina flor da poesia palaciana do tempo, como ironicamente lhe chamou um conhecido escriptor.

Essa poesia, falta de ideal, de um motivo emocionante, sem uma unica das qualidades que constituem a obra d'arte, recorria aos artificios da forma, a um exagerado abuso de allegorias metaphysicas para se fazer valer. Carecendo de sentimento verdadeiro, pedia vida á casuistica amorosa que apresentava ao mais elevado refinamento.

Privilegio das classes elevadas, como o aponta o sr. Theophilo Braga, ella servia de passatempo nos ocios da guerra, era a expressão da galanteria com as damas e o meio de dar celebridade aos casos anedocticos que se passavam detraz dos pannos de Arras. Mero entretenimento, como tal, descambava quasi sempre para a banalidade. Futilissimos, assim, os themas de inspiração, umas *grandes barbas*, um *pelote de veludo*, um *macho ruço* e quejandas cousas.

Felizmente, a Renascença abrira novos horizontes e os seus fulgurantes clarões vinham já alumiando até Portugal. Para isso concorria, sem duvida, as estreitas relações em que se estava com a Italia e o acolhimento que entre nós encontravam os que d'ahi chegavam. Ninguem melhor do que Oliveira Martins, em sua *Historia de Portugal*, assignala o ponto de partida d'esse movimento revivificador, dizendo que os filhos de el-rei D. João I, abrindo as portas da nação á cultura da Renascença, chamando sabios, viajando, fundando bibliothecas, tinham lançado á dura terra do velho Portugal as sementes italianas.

A transformação, porém, não se operou de momento, em um convulsionismo rapido. Seguiu lenta, infiltrando-se pouco a pouco, tanto que, como o sustenta a ex.^{ma} sr.^{a} D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, na litteratura como nas artes e nas scien-

cias, os vestigios da influencia italiana foram quasi insensiveis até 1520, vesperas da partida de Sá de Miranda para o estrangeiro. Mas, nem o proprio creador do theatro nacional, o talentoso, embora inculto, Gil Vicente, tão aferrado á escola da tradição nacional, escapa á sua influencia. Manifesta o a ironia de suas farças, aquella mordacidade que nada poupava e ia até desrespeitar as crenças religiosas, ironia que annunciava o proximo advento da Reforma, o despertar da razão humana escravisada pela esteril escolastica.

Lá fóra rompera já acirrada a lucta entre as duas escolas litterarias. Uma procurava manter intransigentemente as tradições da edade media e da poesia nacional e a outra ia inspirar-se em os monumentos da litteratura classica, tendendo a imital-os, se não seguil-os servilmente. Havia-se ferido os primeiros combates em forma entre os partidarios de uma e os sectarios da outra, combates que tinham tido uma natural repercussão em nosso paiz. São os eruditos conjurando-se contra Gil Vicente, cuja originalidade contestam, e considerando as suas obras de rasteiras e ordinarias. Com que fino tacto epigrammatico, porém, o auctor de *Ignez Pereira* os apodou de *homens de bom saber! De bom saber!...*

Sá de Miranda, de uma instrucção variadissima, innegavelmente conhecia desde a infancia os livros dos escriptores gregos e latinos. A *Vida* offerece a preciosissima noticia de que elle *soube tanto da lingoa grega, que lia a Homero nella, e anotava de sua mão em grego tambem.* Devia ter seguido com interesse a evolução da poesia italiana que a tão grande altura se estava levantando.

Approximando as producções dos poetas italianos das dos seus contemporaneos, Sá de Miranda media bem a inferioridade da nossa poesia. Comprehendia e avaliava a necessidade de a vitalisar egualando-a com a grandiosidade epica que estava attingindo o espirito guerreiro dos portuguezes. Tomou-o o desejo de exaltar o pensamento revestindo-o de novas e vigorosas formas. Em seu animo de patriota, concebeu a vontade ardente de fazer vibrar a mentalidade nacional com scintillações desusadas

a par dos coriscantes raios despedidos pelas espadas vibradas por braços energicos.

Um vilancete brando, ou seja um chiste,
Letras ás invençõis, motes ás damas,
Ũa pregunta escura, esparsa triste!
Tudo bom! quem o nega? mas porque,
Se alguem descobre mais, se lhe resiste?

A renovação litteraria e artistica, importante e fecunda de resultados immediatos, que se operava em Italia, devia attrahir o sonhador poeta como o luzir do dia chama a passarada chilreante. Sá de Miranda, votando ao desprezo *as cousas de cà*, sentir-se hia tomado de um vehemente desejo de ir verificar de perto, avaliar de *visu*, por assim dizer, a intensidade d'esse grande movimento intellectual que começava a ter echo em toda a Europa, visitar esse meio que a tuba da Fama dizia o mais culto.

Estamos, assim, de accordo com a ex.ma sr.a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos em que a viagem de Sá de Miranda á Italia não teve origem primordial em questões da côrte. Não. Tudo é porque o seu motor foi — a anciedade espiritual do poeta, o desejo de estudar a arte, de pôr em concordancia a elevação do pensamento com a heroicidade das acções portuguezas que o expatriou. Altamente patriotico, pois, e proprio do seu nobre caracter, o emprehendimento que se propozera o poeta.

Sá de Miranda demorou-se lá por fóra bastantes annos. Viagem larga e que lhe permittiu, *visitando primeiro os mais celebres lugares de Espanha*, percorrer *com vagar e curiosidade Roma, Veneza, Napoles, Milão, Florença e o milhor de Cicilia*. Verdadeira missão de estudo a que não escaparam as cidades então mais em evidencia e onde se encontravam os homens mais illustres da Renascença.

Vi Roma, vi Veneza, vi Milão
Em tempo de Espanhoes e de Franceses,
Os jardins de Valença de Aragão
Em que o amor vive e reina, onde florece,
Por onde tantas rebuçadas vão.

A saída do poeta para a Italia deve ter-se effe-

ctuado por 1521 e o regresso ao reino por 1526. E' o que se conclue do verso

Em tempo de Espanhoes e de Franceses

Era a epoca em que o imperador Carlos V, de Hespanha, andava em guerra com Francisco I, de França, por este haver, tambem, aspirado ao throno da Allemanha. Exactamente n'esse anno de 1521 encetou Carlos V as hostilidades contra o rei de França, abrindo o primeiro periodo de guerra que teve por campo de batalha, sobretudo, a Italia, e que veiu a terminar, depois da batalha de Pavia (1525), em que Francisco I caiu prisioneiro dos hespanhoes, pelo tratado de Madrid que deixou a peninsula italica em poder dos ultimos (1526).

A viagem de Sá de Miranda deve, portanto, ser collocada entre os annos de 1521 e 1526. Esta data está completamente de accordo com a indicação de seus proprios versos, além de que todos os factos a que elles se referem a confirmam. Quando o poeta se tornou ao reino, *já avia muito que reynava* el-rei D. João III.

A peninsula italica encontrava-se, então, em plena febre de renascimento. Seus povos, escravisados successivamente por allemães, francezes e hespanhões, sem forças para se libertarem dos dominadores, procuravam em o engrandecimento do passado o esquecimento das desgraças que soffriam, da decadencia do presente. A imagem de Virgilio, cantor das glorias nacionaes, apparecia-lhes como um protesto patriotico e, o que era mais, como um balsamo fortificante das energias abatidas.

As recordações dos tempos idos incutiam os estimulos para a lucta que a Italia sustentava. Por isso principiou ali a Renascença bafejada pelas lembranças sempre vivas de uma tradição patriotica jamais extincta, na phrase elegante e justa do sr. Simões Dias. E foi assim que ella conseguiu engrandecer-se como nunca, levantar-se á maior altura da arte, em concepções grandiosas, com artistas que attingiram a um renome perdurável.

Em meio de uma actividade assombrosa, a Italia caminhava para conquistar, entre as nações neo-selticas, a posição intellectual dominante que posterior-

mente gosou. Palmo a palmo, alcançava um triumpho tão glorioso quanto indelevel. Aos genios de Dante, Petrarcha e Boccacio, iniciadores d'esse movimento extraordinario e inegualavel, em o periodo em que as trovas provençaes ainda eram o divertimento das classes patricias, e de Leonardo de Vinci, succedera uma geração toda illustre. Ao tempo de Sá de Miranda, a Italia era o campo de gloria de Ariosto, Sanazarro, Bembo, Tasso, Machiavello, Vittoria Colonna, Raphael, Miguel Angelo, etc.

Em seus versos, Sá de Miranda refere-se, por vezes, aos diversos homens illustres d'essa vicejante Italia. O conhecimento que d'elles mostra auctorisa a affirmativa de que tratou pessoalmente com os mesmos. A posição que occupava na côrte portugueza, o prestigio do nome da familia a que pertencia, para mais ainda aparentada com a opulenta casa Colonna por seu avô paterno João Rodrigues de Sá, pol o em estreitas relações com homens notaveis como Giovanni Ruccellai, Lattanzio Tolommei e outros Ao excellente lyrico e notavel bucolico da *Arcadia* chama o bom velho Sanazarro.

Floresciam, então, com o mais vivo esplendor, os talentos mais insignes. De um a outro extremo da formosa peninsula, o genio irrompia audaz e scintillante. A Italia foi, d'esta sorte, um verdadeiro deslumbramento para Sá de Miranda. Affirma a *Vida* que o poeta viu Roma, Veneza, Napoles, Milão e Florença, os centros d'essa admiravel elaboração intellectual, *com vagar e curiosidade*. Assim deve ter sido.

Não houve homem notavel que o nosso poeta não conhecesse ou de que não indagasse o merito artistico. Em Roma, encontraria o celebre cardeal Bembo, intimo do magnificente Leão X, imitador acerrimo de Cicero a ponto de aconselhar os seus amigos a não lerem as epistolas de S. Paulo para não macularem o estylo e que, ao celebrar o sacrificio da missa, recitava odes de Anacreonte, em vez das orações do ritual. Ao visitar Veneza, a bella rainha do Adriatico, ouviria fallar do implacavel poeta satyrico Aretino, verdadeira lingua viperina, que vendia publicamente os seus terriveis epigrammas a quem mais lhe dava.

Sá de Miranda cita, outrosim, Ariosto, em pleno florescimento na côrte de Ferrara, e que introduzira em a poesia o sensualismo elegante e a phantasia pura. Machiavello, o famoso secretario da republica de Florença, preparava tres seculos de acerrima controversia com o seu não menos celebre livro *Principe*, apologia emphatica do poder absoluto. Era, ainda, Trissino, grammatico e lyrico, mais conhecido pela tragedia *Sophonisba*, escripta á maneira grega; o cardeal Sadoleto, esse outro secretario de Leão X, insigne latinista e poeta lyrico; Guicciardini, jurisconsulto notavel e Julio Scaligero, hellenista de fama. Seria necessario quasi um volume para enumerar todas as individualidades d'essa geração illustre.

As relações de Sá de Miranda com os artistas e eruditos italianos abriram novos horisontes ao seu espirito e este insensivelmente foi recebendo a direcção que devia dar ao genio da Renascença em Portugal. Mas não era apenas o contacto com esses homens de talento, sim, tambem, a observação d'essas maravilhosas obras de arte disseminadas por toda a Italia, em palacios, monumentos e templos grandiosos, as incomparaveis telas de Raphael, espirito todo luz, harmonia e amor, a branca visão do Thabor, como lhe chamou Henri Martin, e de Miguel Angelo, o austero e solitario pintor, o anjo das trevas divinas. Era a acquisição dos mais bellos trabalhos da brilhantissima litteratura italiana, que relia e estudava com sofreguidão e cujas excellencias saboreava com dôce embriaguez, mais tarde, em sua quinta da Tapada, longe do bulicio da côrte.

Liamos os Assolanos
De Bembo, engenho tam raro
Nestes derradeiros anos
Os pastores italianos
Do bom velho Sanazaro.

Sá de Miranda teve egualmente occasião de vêr em scena a comedia classica em prosa, moldada pela da antiguidade. Observador como era, não lhe escapou a importancia d'esse novo germen litterario e analysou-o cuidadosamente para o introdu-

zir e adaptar em sua patria. A par da comedia manifestava se uma outra especie nova, o dilettantismo musical. Para mostrar o agrado com que o veria o poeta, bastará dizer que elle *tangia violas darco e era dado á musica.*

Nos palacios, outros tantos fócos de Renascença, discutiam-se todas as questões de arte e de litteratura. As festas n'elles celebradas não eram puramente de distracção como as da côrte portugueza, mas essencialmente productivas. Em casa do marquez de Pescara reuniam-se os talentos mais em evidencia. Comprehende se bem o que seriam os serãos ali realisados.

Sá de Miranda, de natural perscrutador, não deixaria, certamente, de se interessar pelas questões politicas e religiosas, que tambem agitavam a esse tempo a Italia e que constituiam os grandes factos da Reforma attingindo o seu extremo, na Dieta de Spira, com a proclamação da liberdade de consciencia. Provavelmente, como catholico devotado e ardente, lhe não seria em principio sympathica a Reforma, mas nem por isso escapou á influencia d'ella, nem deixou de votar a mais profunda repugnancia ao excesso de intolerantismo da reacção.

Intelligencia altamente lucida, Sá de Miranda sentiu-se tomado de uma intensa fascinação por esse extraordinario movimento intellectual que tinha a felicidade de observar de perto, de apreciar pessoalmente, tratando com os seus principaes corypheus. Como o seu coração de patriota, ardente, não pulsaría actuado por uma forte vontade de tirar a sua patria do profundo marasmo a que decaira para a levantar á maior altura do culto da arte! Avalia-se e dá-se razão ao enthusiasmo com que se tornou a Portugal.

Aqueles cantares finos,
A que *liricos* disserão
Os Gregos e os Latinos,
Digão me donde os houverão
Salvo dos livros divinos?
Quantos que d'ahi ao seu
Trouxerão auguas á mão.
Regou Pindaro e Alceu,
E em môres prados Platão!

Mas é o que ora aprendo
Ler por eles de giolhos.
De que sei quam pouco entendo .
Mas fossem dinos meus olhos,
De cegar sobre eles lendo !
Que, dos seus misterios altos
Assi lubrigando vejo
Que não são pera tais saltos :
Gemo sômente e desejo.

Em 1526, Sá de Miranda encontrava-se, sem duvida, de volta a Portugal. Reinava, *avia muito*, o seu nunca desmentido amigo, el rei D. João III. Passava dos trinta e cinco annos. A sua mentalidade achava se enriquecida com os preciosissimos conhecimentos adquiridos em sua excursão por Italia.

Seu animo retemperado e energico casava perfeitamente com a firmeza de seu caracter. Traçara os seus planos e estava resolvido a executal-os. Como sustenta a ex.^{ma} sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, tratava de dar novas sendas ás lettras patrias, de estimular os poetas com o exemplo, de provar a possibilidade de um aperfeiçoamento ou antes renovamento fundamental da poetica portugueza, de fazer, emfim, a transplantação das formas e dos metros italianos.

Sá de Miranda lançou se afoitamente á lucta, contando com uma facil victoria. Enganou se. A resistencia foi mais porfiada do que certamente esperava e morreu mal tendo chegado a vêr os primeiros fructos de seus esforços.

Desde a sua volta a Portugal, Sá de Miranda foi decididamente o chefe da escola classica, da escola que, como disse Pinheiro Chagas, pautava as suas obras comicas pelos modelos de Plauto e de Terencio, as suas eclogas e cartas pelas de Horacio e de Ovidio, a que substituiu a redondilha popular, até então quasí exclusivamente usada, pelo verso hendecasyllabo jambico italiano e as pastoraes ainda trovadorescas de Bernardim Ribeiro pelos idyllios virgilianos e pelas imitações de Theocrito. Quebrou o grande poeta o encanto e as velhas fórmas gastas do *Cancioneiro* de Resende, com a futilidade da poesia palaciana, foram completamente abandonadas.

O douto e grave poeta, porém, não foi apenas o

propulsor da escola classica em Portugal, mas tambem verdadeiramente o reformador da chamada *escola velha*, a que deu novos dias de gloria. Os rhythmos nacionaes, o grupo das singellas quintilhas e decimas, levantou-os elle á maior perfeição em suas celebres *Cartas* satyricas. Longe de romper fundamentalmente com a tradição, continuou a empregar os antigos metros nacionaes, voltando com frequencia ás graciosas redondilhas e até ás esparsas, vilancetes e glosas, de uma ligeira improvisação. Em o ultimo periodo de sua existencia deixou-se dominar mais absolutamente pelo classicismo que, em todo o caso, apparece em suas producções atravez do renovamento italiano.

Pena é não haver sido Sá de Miranda um poeta genial, inspirado como Camões. Com as qualidades de estudo e de observação de que era dotado ter-se-hia tornado uma poderosa individualidade.

Innegavelmente são relevantissimos os serviços por elle prestados á litteratura portugueza. E' o que a ex.^{ma} sr.^{a} D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos põe em relevo ao affirmar que o illustre poeta provou que a lingua portugueza era capaz de se elevar até ás concepções mais bellas do lyrismo moderno com o soneto e a canção de Petrarcha, os tercetos de Dante, enlaçados em elegias e capitulos segundo o estylo de Bembo, a oitava rima de Policiano, Boccacio e Ariosto, e as ecloglas de Sanazarro com os seus *versos encadeados* e a variação melodica dos rhythmos e, finalmente, introduzindo o *hendecasyllabo jambico italiano*.

Propriamente a Sá de Miranda nada se deve em o que respeita a fórmas metricas. O poeta da Tapada, admirador enthusiasta dos modelos estrangeiros que estudara, imitou, em geral escrupulosamente, a estructura das estrophes, introduziu fórmas novas, reformou e aperfeiçoou, mais nada. Podia ter ido muito longe, variar os typos por meio de leves modificações no encandeamento da rima, e no agrupamento dos septenarios na *Canção*, mas não ousou arcar com essas responsabilidades. Unicamente quanto ao assumpto e á linguagem se reservou uma completa e perfeita originalidade e d'esse modo concorreu bastante para o aperfeiçoa-

mento da lingua portugueza, ainda rude e pouco melodiosa, além de que poude legar á posteridade as suas sempre apreciadas *Cartas*. Isso o salvou, tambem, do fiasco de algumas mal succedidas tentativas de innovação.

Tem-se pretendido negar a Sá de Miranda a iniciativa quanto ao emprego de novas fórmas metricas. Faria e Sousa foi o primeiro que contestou a actividade e influencia do illustre poeta como reformador, ridicularisando-o e rindo-se de suas pretensões. O satyrico e faceto Diogo Camacho de Sousa, que nem o grande epico, o immortal auctor dos *Lusiadas*, poupou, chamava-lhe

poeta até o embigo.

Tolera-se ou desculpa-se que Faria e Sousa e Camacho aquilatassem por essa forma o merito de Sá de Miranda. Não se podia esperar outra cousa de seu engenho satyrico.

De outra ordem é a affirmativa, feita por criticos respeitaveis, de que os proprios versos que se dizem italianos e introduzidos por Sá de Miranda já eram conhecidos na peninsula do uso dos provençaes que os imitaram dos arabes. José Maria de Andrade Ferreira, em seu *Curso de Litteratura Portugueza*, vae até declarar cathegoricamente que, no tocante a artificio metrico e variedade rhythmica, nada se póde produzir que não fosse adoptado por aquelles poetas.

Assim, na opinião de certos escriptores, e para mais auctorisados, foram os portuguezes os inventores da medida grande, limitando-se os italianos simplesmente a seguir o trilho dos poetas lusitanos. Querem esses que o infante D. Pedro, o das *sette partidas* e que desastradamente encontrou a morte em Alfarrobeira, haja escripto os primeiros sonetos portuguezes. Segundo esses, ha hendecasyllabos e septenarios italianos, como tambem muitissimas oitavas rimas, não sómente em o *Cancioneiro* de Resende, em Bernardim Ribeiro e Christovão Falcão, mas até no poema do *Cid* e no de *Alexandre* e em muitas coplas dos Cancioneiros da Vaticana, Collocci Brancuti e de Ajuda. Portanto, co-

mo pretende Andrade Ferreira, pouco deveria o parnaso portuguez aos chamados quinhentistas.

O erudito Dias Gomes foi mais commedido e mais sensato em sua apreciação. Attribuindo a introducção do soneto, em Portugal, ao famoso infante D. Pedro, concedeu, todavia, que Sá de Miranda o aperfeiçoou e estabeleceu da maneira que ao presente o vemos. Admitte, egualmente, que o poeta da Tapada nos ensinou a estructura da *canção*, da *oitava rima* e do *terceto*. O sr. Theophilo Braga, em sua *Historia dos Quinhentistas*, cita a opinião de Dias Gomes e accrescenta que foram essas formas quasi exclusivas que abraçaram depois os poetas da escola italiana, do que se deprehende que a partilha.

Mais recentemente, deve-se á ex.ma sr.a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos o relevante serviço ás lettras patrias de verificar até que ponto eram fundadas as criticas dirigidas contra a obra de Sá de Miranda. D'esse estudo resultou tomar aquella senhora a peito a defeza de haver elle iniciado — a escola nova italiana, introduzindo o *hendecasyllabo*, ensinando a estructura do *soneto*, dos *capitulos* (ou elegias) em tercetos, as fórmas fundamentaes da *canção* e a *oitava rima* italiana, e mostrando tambem como estas tres formas estrophicas se podem combinar na *ecloga* Não que tão consciençiosa escriptora queira negar a filiação historica, a origem commum do *decasyllabo* limosino e do *hendecasyllabo* italiano, ou antes, a relação de dependencia do segundo para com o primeiro, mas, em vista da pouca clareza com que os dois metros têm sido classificados, em Portugal, accentuar a sua differença.

Exactamente á confusão resultante da falta de methodo no contar e medir das syllabas e á pouca clareza na terminologia dos versos portuguezes, attribue a ex.ma sr.a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos a contestação de que fosse Sá de Miranda um innovador. Uns, attendendo unicamente aos sons, aos agudos, contam por syllabas de um metro as que se preferem até á ultima aguda, metrica, ou seja pausa, desprezando as breves que se lhe sigam. Outros, pelo contrario, tomando por norma

do verso portuguez o *grave* ou *inteiro*, contam as syllabas accentuadas, grammaticaes realmente, além da pausa. D'ahi que uns chamaram ou chamam *hendecasyllabo*, ou de onze syllabas, ao verso que outros denominam *decasyllabo jambico limosino*, inventado pelos trovadores da Provença e imitado em Italia, Catalunha, Castella e Galliza. Ainda segundo prova a illustrada senhora, as oitavas rimas que os mesmos criticos descobriram na antiga poesia portugueza são, em realidade, estrophes de oito linhas ou oitavas, mas estas estrophes ou se compoêm de duas quadras peninsulares ou são oitavas hespanholas em versos de arte maior.

A nosso vêr, a argumentação da ex.ᵐᵃ sr.ª D. Carolina de Vasconcellos resolve satisfactoriamente a questão. Pode-se d'ella concluir a affirmativa cathegorica de que, antes da viagem de Sá de Miranda á Italia, não existiam, em Portugal, a *oitava rima*, o *soneto*, a *elegia em tercetos* e a *canção* italiana. Tão pouco se compozera qualquer poesia em *hendecasyllabos e septenarios, com accentos fixados á maneira toscana*. Sá de Miranda bebeu na nascente, inspirou-se pessoalmente em a propria Italia, com seus grandes e immorredoiros artistas, e, quando de lá voltou á patria, poz-se a seguir as formas ali em uso, o que, de resto, elle proprio confirma e confessa ingenuamente nas rubricas de suas poesias.

Fizera-se, realmente, sentir o classicismo na peninsula hispanica, mas a sua influencia poetica havia sido fraca e desapparecera quasi sem deixar vestigios. E mesmo se limitara a um vago conhecimento da escola dantesca, inaugurada por Imperial e em que se enfileiraram João de Mena, o Marquez de Santilhana e D. Fradique de Vilhena. O Marquez de Santilhana, antes de 1458, escrevêra já alguns sonetos. Outros poetas metrificaram em tercetos. Imperial, em seu *Dezir a las siete virtudes*, imitou o verso de onze syllabas.

Essas innovações foram, porém, prematuras. Não fructificaram por falta de meio apropriado e em breve cairam em o mais completo abandono. Quanto não custou a Sá de Miranda implantar as suas! Não ha provas, de resto, de que aquellas tenham sido conhecidas em Portugal, ou, pelo menos, de que se

lhe haja ligado a minima importancia. Apenas em o *Cancioneiro geral* se nota uma tendencia accentuada para o symbolismo e allegoria e uma forte inclinação para o didactismo, em um gosto de eruditismo escolastico.

Sá de Miranda é, pois, incontestavelmente, senão o fundador, o propulsor da escola classico-italiana em Portugal. Visitando a Italia, quando esta peninsula attingia o maximo de sua elevação intellectual, preso de um santo enthusiasmo, dedicou-se com alma a reformar a nossa poetica segundo os modelos que lá fóra vira tão apreciados. Não quiz classisar a litteratura patria exclusivamente, mas levantar a poesia de sua decadencia por meio dos modelos italianos que estudara. Com justiça, pois, o nome de Sá de Miranda abre um novo periodo na historia litteraria portugueza, que com Ferreira e Camões se ergue ás maiores alturas.

Para as imperfeições metricas e rhythmicas de Sá de Miranda, perdoaveis em quem, como elle, tinha a luctar com as difficuldades da amoldação e com as rudezas de uma lingua ainda não desbravada de todo, já a *Vida*, verdadeiro espelho do pensamento dos seus contemporaneos, teve a attenuante de que foi elle o primeiro *que compos versos grandes neste Reyno, bastante desculpa das miudezas que se tachão em alguns seus desta medida pera aquelles homens, ao menos que attendendo ao que se diz, não curão muito do modo.* A *Vida* considera os defeitos do poeta como *accidentes de nenhuma importancia*, attendendo a que elle *não somente foy inculpavel na gravidade das sentenças, na agudeza dos conceitos, na propriedade dos termos, na moralidade das figuras, na imitação dos Poetas, na observação das regras senão inimitavel tambem na pureza com que fallou em materias amorosas.*

E' pouco de estranhar que Sá de Miranda não tivesse em suas obras a inspiração de Camões. porque devia luctar com grandes difficuldades para amoldar o portuguez duro e rude dos heróes da Africa e da India ao espirito philosophico das suas idêas e á harmonia das novas formas poeticas que pretendia introduzir em Portugal. D'ahi a sua inferioridade manifesta e incontestavel na parte em que

mais se inclina para os modelos da escola classico-italiana, inferioridade que ainda mais põe em relevo o brilhantismo das suas redondilhas tão nacionaes.

Innovador convicto, preoccupava-se com a imitação dos modelos estrangeiros que o deslumbravam e aos quaes desejava egualar, senão exceder. Estudava constantemente procurando seguir com o maior rigor as regras da arte. Fel-o tão a contento dos partidarios de sua escola, que a *Vida* chega a sustentar que *os que attentamente o passarem não lhes ficará necessidade de lêr em as Poeticas de Aristoteles e Horacio, que elle, pareçe, não largaria da mão*

O poeta, em sua sêde de perfeição, não se dava nunca por satisfeito com a sua obra. Continuamente refundia os seus trabalhos, cortava aqui, accrescentava além e, pode se dizer, morreu sem deixar uma forma definitiva de sua enorme producção poetica. A grande quantidade de variantes tem sido a maior difficuldade para as edições de suas obras.

Sá de Miranda desejava hombrear com os extraordinarios talentos que admirara em Italia e cujos livros eram os seus ocios de todos os dias. Sentia-se fraco de forças e não se cançava em procurar aperfeiçoar-se. O proprio poeta o confessa lealmente em o soneto com que fez acompanhar a remessa do seu terceiro manuscripto de versos ao principe D. João, filho de D. João III, espirito culto prematuramente apagado.

> Tardei, e cuido que me julgão mal,
> Que emendo muito e que emendando, dano.
> Senhor, que hei grande medo ao desengano,
> D'este amor que a nos temos desigual.
>
> Todos a tudo o seu logo achão sal:
> Eu risco e risco, vou me de ano em ano.

E este mal contido suspiro pela sua impotencia:

> Ando cos meus papeis em diferenças !
> *São perceitos de Horacio,* me dirão.
> Não posso em al, sigo o em aparenças.

A sinceridade de Sá de Miranda é a melhor justificação das imperfeições que se lhe possam notar.

Ao voltar a Portugal, Sá de Miranda observou com profundo desgosto a completa transformação que se operava na côrte Os symptomas da decadencia moral da fidalguia tornavam-se evidentes, salientavam já como manchas negras. Dominada pela febre do ouro que se fizera contagiosa, a nobreza esquecia o proverbial cavalheirismo e atirava-se desatinamente á mercancia para obter a todo o preço dinheiro e muito dinheiro.

A sede do ouro e dos prazeres, sede desenfreada e que nada saciava, substituira a elevação culta dos serões do tempo de D. Manuel. Quão mudados andavam os tempos! Da poesia já poucos queriam saber. E o mal augmentava em um resvalar pavoroso que ia trazer a Inquisição e levar até á infamissima cobardia que entregou Portugal a Castella.

Posteriormente, já em o retiro a que resolvera recolher-se, em carta dirigida ao seu amigo Antonio Pereira, Sá de Miranda descreve admiravelmente a situação deploravel em que caira o paiz. As causas são bem apontadas e a comparação com as eras passadas não pode ser mais bem feita.

Não me temo de Castela
Donde guerra inda não soa,
Mas temo me de Lisboa,
Que ó cheiro d'esta canela
O reino nos despovoa,
E que algum embique ou caia!
O longe va, mao agouro
Falar por aquela praia
Na riqueza de Cambaia,
Narsinga das torres de ouro.

Ouves, Viriato, o estrago
Que ca vai dos teus custumes:
Os leitos, mesas, os lumes,
Tudo cheira: eu olios trago,
Vêm outros, trazem perfumes.
E aos bons trajos de pastores
Em que saistes ás pelejas
Vencendo tais vencedores,

São trocados os louvores,
São mudadas as envejas!

É entrada polos portos
No reino crara peçonha
Sem que remedio se ponha.
Ums doentes, outros mortos,
Outro polas ruas sonha.
Fez nos a ousada avareza
Vencer o vento e o mar,
Vencer caje a natureza.
Medo hei de novo a riqueza
Que nos torne a cativar.

Sá de Miranda, que já se sentira aturdido com a desenvoltura, a dissolução dos costumes que presenciara em Italia, ficou apavorado ao conhecer o avassalador mercantilismo da côrte portugueza. Com que energia a invectiva depois:

Escravos mais que os escravos,
Por rezão e por justiça
Deixai-vos dos vossos gabos,
Que vos vendeu a cobiça
A mar bravo e a ventos bravos!

Homem recto, consciencia impolluta, Sá de Miranda não se poude ter que se não retirasse logo para Coimbra, a sua querida, a sua adorada terra natal. Mas, quando fugia á côrte, esta, escorraçada pelos horrores da peste, que fazia de Lisboa um horrivel cemiterio, seguia-o ahi, a acolher-se temporariamente á hospitaleira cidade.

Sá de Miranda possuia em Coimbra, ou em seus arredores, alguma propriedade situada junto ao Mondego e com a vista sobre a serra, certamente deixa de seus paes. E' o que se tira de seus proprios versos.

No lugar onde me vistes
De agua e do monte cercado

N'essa propriedade, pensaria o poeta encontrar um refugio contra as tentações com que ainda o poderia seduzir a côrte. Ahi contaria, com effeito, mais dias

De ledos que não de tristes.

A ida de D. João III a Coimbra constituiu verdadeiramente uma simples visita. De todas as supposições que se tem feito ácerca da saida do monarcha de Lisboa, por causa da peste, a mais ve-

rosimil é que essa epidemia deu logar a pequenas excursões. A estada da côrte, em 1527, em a Athenas portugueza foi tão rapida, que el-rei passou o Natal em Lisboa, encontrava-se a 15 de fevereiro de 1528 em Almeirim e achava se de volta a Lisboa de fevereiro a junho de 1530.

Sá de Miranda, que estava em suas terras nas margens do Mondego, ao saber da viagem do seu excellente amigo o monarcha e da joven rainha, que pela primeira vez ia a Coimbra, correu á cidade a recebel-os, a promover festas em sua honra e elle proprio pronunciou o discurso de recepção dos regios personagens. E, com vontade ou sem ella, restabeleceu, então, as suas relações com a côrte. Consolou-se, talvez, por ver que se lhe offerecia occasião de iniciar a propaganda a favor das idêas e formas poeticas que trouxera de Italia, de as defender calorosamente e de mostrar as bellezas dos seus grandes vultos litterarios, Sanazarro, Dante, Petrarcha, Ariosto, Bembo e Dante, cujas obras possuia.

Certamente, a conversação com Sá de Miranda devia ser procurada pelos fidalgos mais illustrados que faziam parte do sequito do rei. A consideração que gozava pelo respeito que infundia a sua rectidão de caracter, a longa viagem feita pelo estrangeiro e de onde ainda ha pouco regressara, o muito que devia ter visto e aprendido durante sua excursão, tornavam-o, sem duvida, reclamado em a côrte. O poeta aproveitou este seu predominio para pugnar pelo triumpho dos grandes mestres de Italia, estimulando a curiosidade dos espiritos mais illustrados e intelligentes, patenteando-lhes as perfeições litterarias dos seus trabalhos, emfim, preparando-os para bem receber as suas projectadas obras. Ao mesmo tempo, ia desassombradamente atacando com vigor as producções dos escriptores nacionaes, apontando e condemnando os defeitos que lhes encontrava.

Não foram baldados os esforços de Sá de Miranda. A côrte teve que se render ante o seu talento e a sua erudição. Como diz a *Vida*, *co as calidades de sua pessoa e boas partes que nelle concorrião, sem outra alguma ajuda das que costumão levantar*

ainda os indignos, se fez tamanho lugar, que foy sem controversia, senão o mayor hum dos mais estimados cortesãos de seu tempo, concorrendo cos milhores que este Reyno teve por ventura, e isto não só dos companheiros, mas del Rey e dos Principes, e o que he mais dos vallidos com quem ordinariamente nam adiantão os amigos de antes quebrar, que torcer (como elle diz) tomando em desprezo proprio a estimaçam alhea e sentindo como injurias particulares a detestaçam que os judiciosos e discursivos fazem dos vicios em geral. Com effeito, Sá de Miranda atou e sustentou relações de estreita amizade com alguns dos mais nobres fidalgos, como D. Luiz da Silveira, D. Manuel de Portugal, Pero Carvalho e outros.

Sá de Miranda não se limitou, porém, a propugnar pela divulgarisação dos modelos classicos. Foi mais além e começou a atacar com energia os vicios do tempo, a corrupção que alastrava sem dique. A renovação de seu trato com a côrte permittiu-lhe estudar a fundo os novos costumes dos principes e dos aulicos e analysal-os com olhos de ver para melhor lhes applicar o ferro candente.

Em Coimbra, os cortezãos, e a cohorte de parasitas que os seguira até ali, foram de uma insaciedade fora de commum. A nobreza da cidade exhauriu-se até de recursos para proporcionar uma vida regalada aos exigentes fidalgos, mas nada os contentou. Acostumados ás montarias aventurosas da graciosa Almeirim e á vida regalada da farta Santarem, não cessaram de clamar contra a existencia atribulada e parca que levavam na soturna cidade. Sentiram-se bem quando a deixaram, voltando para o sul do paiz.

Sá de Miranda, que fôra dos que promoveram a mór parte das festas em honra dos famelicos cortezãos de seu amigo D. João III, conteve a custo a indignação. Mas, quando acôrte d'ali retirou, a sua ira rompeu caustica como um ferro em brasa. Dirigiu, então, a Pero Carvalho, guarda roupa do rei, essa famosa carta, coriscante diatribe que foi ferir certeiramente os alvejados.

N'essa carta, o poeta começa por exprobrar a maledicencia da fidalguia e lançar-lhe em rosto a sua ingratidão para com uma cidade que toda se

esmerara em bem recebel-os. Fal-o, não por um exclusivo sentimento de amor á terra natal, mas por um acto de justiça, homenagem á verdade.

Que tenção todos tomastes
A' terra que me criou
De que tanto praguejastes?
Por que? Que vos acoutou
Da peste com que i chegastes.
Fostes mal agasalhados?
Não, certo, que té as fazendas.
Vos davão parvos honrados.
Pois, por que? Porque os privados
Tinheis longe vossas rendas?

O que eu por parcialidade
Nem outros respeitos digo:
Da antiga e nobre cidade
Som natural, som amigo,
Som porém mais da verdade.

Após a retirada dos famelicos, a cidade sente-se aliviada de um grande peso. O proprio poeta viu-se desafrontado.

Como vos partistes de i,
Logo abrigados achei
Em que me desencolhi.
Seguramente dormi,
Seguramente velei.

Para envergonhar os cortezãos ingratos que lhe preferiam a insignificante Almeirim, põe em relevo a honra de Coimbra possuir o corpo de D. Affonso Henriques.

Cidade rica do santo
Corpo do seu rei primeiro
Que ainda vimos com espanto,
Ha tam pouco, todo inteiro
Dos anos que podem tanto.

E diz-lhe que aquella cidade é tradicionalmente a mais nobre e leal.

Outro rei, tanto sem mal
Que lhe empeceu a bondade,
O quarto de Portugal,
Qual teve ele outra cidade
Tam constante e tam leal?

A nobreza ociosa e interesseira.

Homens que sempre aos proveitos
E a vosso interesse andais,
Vestidos de falsos peitos,
Quam pouco que nos lembrais
Dos sãos, dos comuns respeitos.
Por esta causa se ve
Diferença nos conselhos
E chega inda o mal até
Desacreditar nos velhos
A sã prudencia e a fe.

A côrte é magnificamente pintada.

Essa Circes feiticeira
Da corte tudo trasanda;
Um faz ũa onça ligeira,
Outro faz lobo que manda,
Outro cão que a caça cheira.
Cantão ó passar sereas
Que fazem adormecer.
Correndo todas as veas
De sono e tal sabor cheas,
Não se pode homem erguer.

A ociosidade nociva a que se entregava a fidalguia recebe uma condemnação severa. Sá de Miranda, para revestir da maior auctoridade as suas palavras, põe-a em confronto com a sua vida toda de trabalho e de estudo.

O nome da ociosidade
Soa mal, mas se ela é sã,
Bem empregada em vontade,
Socrates da liberdade
Sempre lhe chamou irmã!

Dou vos Enio por autor:
Quem não sabe usar do ocio
Cansa e anda d'arredor,
Que vem a têr mais negocio
Que um grande negociador.
Que ó menos sabe apos que anda,
Estoutro a si não se entende,
Quanto anda, tanto desanda,
Não se obedece nem manda,
Ora se apaga, ora acende.

Ve-lo ir, ve-lo tornar,
Ve-lo cansar e gemer
E em busca de si andar,
Cobrar a cor e perder.
Que se não pode topar!
Mas eu, porque passa assi,
Que seja muito, direi:

Dias ha que me escondi,
Co que li, co que escrevi,
Inda me não enfadei.

Satyra directa e violenta, a carta a Pero Carvalho provocou uma surda irritação de despeito, mal contida pelo temor do valimento do poeta junto do monarcha. Os fidalgos attingidos não poderam tirar immediatamente o desforço, tiveram que ouvir e calar, mas, d'ahi em diante, poude Sá de Miranda contar com alguns inimigos que deviam aguardar com anciedade o momento da vingança.

O unico passatempo da côrte era, então, as diversões scenicas, os autos ou comedias representadas perante a nobreza. Gil Vicente, emquanto a côrte esteve em Coimbra, ia ahi propositadamente, de Santarem, onde habitualmente residia, segundo se infere de suas producções, divertil-a com suas farças. Com esse fim compoz a *Comedia sobre a Divisa da Cidade de Coimbra*, a *Tragicomedia Pastoril da Serra da Estrella*, a *Farça dos Almocreves* e o *Dialogo sobre a Resurreição.*

Talento dramatico genial mas inculto, viva encarnação do espirito popular, satyrico e motejador, Gil Vicente arremettia audaciosamente com todos e com tudo, não respeitando sequer as coisas divinas. Seus autos e farças eram um tanto grotescas, por vezes excessivamente livres, algumas extraordinariamente louvaminheiras dos cortezãos. O dialogo não era dos mais apurados nem a acção muito cuidada.

Sá de Miranda, que assistira, em a scena italiana, a representações de comedias classicas em prosa, originaes, com um fino dialogo, limadas de allusões facêtas, acção escolhida, não poupava censuras nem criticas aceradas ás producções de Gil Vicente. Sobretudo, condemnava asperamente a liberdade com que o creador do theatro nacional tirava das sagradas escripturas os elementos de todos os seus autos hieraticos. Catholico fervente, não lhe perdoava que tratasse coisas serias em estylo chocareiro, zombeteando escandalosamente de quanto lhe era respeitavel.

E, para mais pôr em evidencia a elevação da comedia classica em prosa, para estabelecer o confronto de esta com o theatro nacional, compoz e

apresentou *Os Estrangeiros*, em a opinião da ex.^ma^ sr.^a^ D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos a primeira comedia classica portugueza em prosa, sendo-lhe posterior a *Eufrosina* de Jorge Ferreira de Vasconcellos. Foi acolhida com interesse.

Houve quem applaudisse enthusiasticamente *Os Estrangeiros* por seu estylo *sentencioso, muy limado e novo*, que *a tudo excedia em brevidade, grandeza e decoro e que guardava as regras da arte com summa perfeição.* Os partidarios do theatro nacional, envolvidos por Sá de Miranda nos gracejos do Prologo, sentiram-se attingidos e receberam a novidade com zombarias. A lucta contra a innovação, acirrada de certo pelos inimigos de um e outro poeta, parece ter se tornado porfiada, d'ahi em diante.

Das relações pessoaes entre Sá de Miranda e Gil Vicente, o mais fiel representante da tradição nacional, não se pode, em verdade, mais fazer que conjecturas. E' provavel que Sá de Miranda não tivesse Gil Vicente em grande consideração pela liberdade com que usava e abusava dos livros sagrados, facto que o magoava a elle que, embora não fosse fanatico nem exaltado, era, todavia, sincero e respeitador. Não se encontra, porém, em suas composições poeticas, uma unica allusão directa, incisiva, sobre o emerito auctor da *Ignez Pereira.*

Qual o proceder de Gil Vicente para com o acerrimo propugnador dos modelos classicos? O sr. Theophilo Braga vê, no final da *Comedia sobre a Divisa da Cidade de Coimbra*, em o elogio dos Menezes, um acto de louvor a Sá de Miranda, descendente de aquella familia, por parte de seu antepassado João Rodrigues de Sá de Menezes. Por seu lado, o grande romancista Camillo Castello Branco viu em a farça *Clerigo da Beira* uma satyra a Sá de Miranda, pessoal de mais para se considerar mera casualidade.

Em a alludida farça, Gil Vicente refere-se a um filho de clerigo, de nome Francisco, de más manhas e peor lingua, com costella de lavrador e pretensões de cortezão. O proprio pae, parece que com pleno conhecimento de causa, lhe diz:

> Filho de clerigo és,
> Nunca bom feito farás.

Frei Mendo não anda muito de accordo com o filho, é um continuo conflicto entre os dois. O clerigo, menoscabando as qualidades d'elle, invectiva-o:

Medraria este rapaz
Na côrte mais que ninguem,
Porque lá não fazem bem
Senão a quem menos faz
Outras manchas tem assaz,
Cada uma muito bôa:
Nunca diz bem de pessoa,
Nem verdade nunca a traz.
Mexerica que por nada
Revolverá San Francisco
Que para a côrte é um visco,
Que caça toda a manada.

Realmente, esta allusão aos filhos de frei Mendo, sendo o pae de Sá de Miranda o conego Gonçalo Mendes, parece tencional. A farça, porém, foi representada em 1526, em Almeirim, e não se sabe como conciliar essa data com a do regresso do poeta de sua viagem á Italia. Ou será necessario admittir-se que, em fins d'esse anno, elle estaria de volta a Portugal e já gosava o favor da côrte? Pode ser.

Em tal caso, comtudo, essa allusão viria mais da popularidade de Sá de Miranda, de sua presumpção pelo muito que vira e ouvira no estrangeiro e não seria resultante de suas tentativas de innovador, embora logo após o seu regresso houvesse começado a atacar os defeitos que encontrava em as obras portuguezas. Seria mesmo uma satyra impessoal, caracteristica de uma entidade do tempo. Quantos conegos Mendes haveria então, como hoje Marias e Manueis.

Indubitavelmente, as innovações de Sá de Miranda deviam encontrar opposição e as suas obras detractores. Sim, que o poeta era um severissimo censor, um caracter immaculado. Sá de Miranda não recuou e a breve trecho lançou um novo desafio á escola do theatro tradicional portuguez com a bella *Fabula do Mondego*, em forma de *canção* e que, ao que resulta de algumas de suas passagens, foi representada em a côrte na estação calmosa, em um certo e determinado dia festivo, talvez o anniversario de el-rei, 6 de junho. A seguir, appareceu

a ecloga *Aleixo* e varios sonetos que mais vieram augmentar a reputação de Sá de Miranda e, tambem, os seus rivaes.

A ecloga *Aleixo!* Foi a melhor arma que Sá de Miranda poude collocar em as mãos de seus inimigos.

De varias formas tem sido explicado o abandono definitivo da côrte por Sá de Miranda, entre 1533 a 1534, para se retirar á Commenda das Duas Egrejas. As causas d'esse exilio voluntario, a par de forçado, foram, decerto, complexas e multiplas, ao que se pode ler em as entrelinhas de suas poesias e nas do seu anonymo biographo, muito prudente para com uma allusão directa fazer reviver rancores mal apagados.

A *Vida* dá como motivo immediato da saida de Sá de Miranda da côrte o odio de *hua pessôa muito poderosa d'aquella era em desprazer de quem se interpretava mal polla mesma enveja hum lugar de sua Egloga de Aleyxo*. Temos por tão auctorisada a *Vida*, que não ousamos duvidar da veracidade de sua noticia, além de que a interpretação da ecloga Aleixo, como perfeitamente o provou a ex.ma sr.a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, explica cabalmente o obscuro successo. Porém, nem todos os escriptores têm interpretado o caso como vem evidenciado em a *Vida*.

Indo de encontro á cathegorica affirmativa do desconhecido biographo, o sr. Theophilo Braga quer que tenha sido a ecloga *Andrés* e não *Aleyxo*, a causadora immediata da intriga que provocou o exilio de Sá de Miranda. Ora, exactamente essa ecloga foi escripta quando já o poeta se encontrava em a Tapada, após o seu casamento e annos depois da morte de todos os que se podiam offender com as allusões n'ella contidas, allusões que Sá de Miranda dava, de resto, como uma simples recordação de annos passados. Não podem, pois, as referencias ao caso escandaloso do casamento do infante D. Fernando, que arrancára D. Guiomar Coutinho ao marquez de Torres, com quem secretamente se desposara, para casar com ella, ter concorrido em cousa alguma para que Sá de Miranda se visse compellido a abandonar a côrte.

Tão pouco satisfaz o espirito ou resolve o problema, a hypothese avançada por Camillo Castello Branco. O facto de seus primos e amigos, a par de companheiros de infancia, Simão de Miranda Henriques e Gonçalo de Miranda da Silva, haverem sido iniquamente esbulhados dos seus haveres, devia, certamente, feril-o profundamente em seu coração, indispôr ainda mais seu animo contra a torpe fidalguia, azedar o seu caracter, mas não impôr a sua saida da côrte.

O erudito escriptor Manuel Pinheiro Chagas attribuiu exclusivamente o rompimento definitivo de Sá de Miranda com a côrte ao seu amor ao retiro, inclinação propria do temperamento melancolico e um pouco misanthropo do poeta, aggravado pela morte de uma mulher que amara profundamente e que apenas seria conhecida pelo pseudonymo pastoril de Celia. Parece demasiado accesso de romanticismo quando este ainda não estava em voga.

Não foi nenhuma d'estas circumstancias isolada, mas sim todas juntas a causa do exilio de Sá de Miranda. Os successivos escandalos da côrte, que se multiplicavam prodigiosamente, o constante accrescendo da attitude aggressiva de seus inimigos, cujos desvarios não poupava, o convencimento de que, por então, não podia levar por diante o seu ideal de reforma litteraria e de engrandecimento da poesia portugueza, haviam chocado muito o animo forte e persistente de Sá de Miranda. O espirito do poeta, de si propenso para a solidão, foi-se aggravando.

Haviam terminado os bons tempos. Emquanto os chronistas, attentando unicamente em o brilho das exterioridades, continuavam a entoar hymnos ao engrandecimento do paiz, Sá de Miranda profundava em todo o seu horror a enorme decadencia moral, analysava a corrupção que tão intensamente lavrava e divisava em o sombrio horisonte os pavores de um futuro de aniquilamento. Ninguem quiz ouvil-o. Desilludiu-se e pouco a pouco foi radicando-se em sua mente a idêa de abandonar para sempre a vida turbulenta e miseravel da côrte, tanto que começou a solicitar de seu amigo D. João III a commenda das Duas Egrejas.

Deu-se, então, o successo da ecloga Aleixo. Veiu elle epilogar o conflicto travado em a consciencia do poeta.

A antiga amizade de Sá de Miranda por Bernardim Ribeiro mantivera-se, senão avigorara, atra vez das vicissitudes de um e outro poeta. Em a ecloga *Aleixo*, ao que parece composta e representada por 1530, Sá de Miranda referiu-se ao desterro de seu amigo, defendendo-o com palavras dedicadas.

Juan

No sé como no llorava.
Sabes porque sospirava ?
Porque aqui cantó Ribero,
Aqui nuestro amo escuchava,
Rodeavan lo pastores,
Colgados de la su boca
Cantando el los sus amores.
Gente de firmeza poca
Que le dió tantos loores,
I aora ge los apoca !

Anton

Eso falta, Juan pastor !
Soncas, porque sospirar ?
I a que se pueden alzar
Ia los ojos sin dolor ?
Ni a que se pueden bajar
Donde los pornás enjutos ?
Adelante, o cara atras ?
Las tierras niegan sus frutos :
El sembrar es por demas,
Los aires andan corrutos,
Los hombres cada vez mas.

De aquel gran pino a la sombra...
Ia ves quanto que ensanchó !
Que el prado i zarzas cobrió
I los vezinos asombra.

A allusão, o *gran pino*, entendia-se com o valido de el-rei, o conde de Castanheira D. Antonio de Athaide. Este, como todos os favoritos poderosos, orgulhoso e despotico, abusava com frequencia de seu prestigio e, no caso a que se referia a ecloga, elle não deixaria de concorrer grandemente para o desenlace que se deplorava.

Embora franca e rude, a allusão era, comtudo, digna e não deprimente. Os inimigos de Sá de Miranda aproveitaram-a para tecer uma habilissima

teia e afastarem para longe o atrevido poeta, implacavel para com os seus desmandos. Intrigando na sombra, torceram a interpretação da ecloga e deram ao trecho incriminado um sentido que, certamente, não tinha. Apresentaram-o como um ataque directo. O conde de Castanheira, cioso de seu valimento, comprehende-se bem, não poude levar á paciencia a intervenção do poeta e muito menos tolerar o que considerou atrevidos insultos.

Quaes as consequencias da torpissima intriga e do furor do valido, eis o que não é precisamente conhecido. Dos versos de Sá de Miranda pode-se inferir que foi cruelmente perseguido, correndo talvez mesmo grave risco de, quem sabe, ser assassinado. Com effeito, mais tarde, quando já em seu retiro, escrevia a seu irmão:

> Agora, por que vos conte
> O que vi, tudo é mudado;
> Quando me acolhi ó monte,
> Por meus imigos de fronte
> Vi lobos no povoado:

e tambem:

> Polo qual a este abrigo,
> Onde me acolhi cansado
> E ja com assaz perigo,
> A essas letras que sigo,
> Devo que nunca me enfado,
> Devo a minha muito amada
> E prezada liberdade
> Que tive aos dados jugada.
> Aqui sômente é mandada
> Da rezão boa e verdade.

A bella *Canção a Nossa Senhora* parece ter sido escripta quando o poeta soffria duro captiveiro. Pelo menos, se se tomar á lettra estes versos:

> ao meu destroço,
> Assi tam perseguido como vedes,
> D'antres tam altas, tam grossas paredes,
> De ferro carregado,

Note se que essa canção, como o proprio Sá de Miranda declara, foi *feita por aquela de Petrarcha*: «*Virgine bella*». Longe de constituir uma vaga reminiscencia, é uma imitação positiva, embora livre, e que se pode acompanhar com o modelo. Se não

houvesse a confissão do consciencioso poeta em seu *ms.*, bastaria a simples confrontação para o provar. Dias Gomes, que a analysou com uma minucia de grammatico estrophe por estrophe, verificou que o poeta portuguez até lhe deu o mesmo numero de estancias e versos, a mesma disposição metrica e simulcadente, começando, como Petrarcha, cada uma d'aquellas pela palavra *Virgem*.

Não ha duvida em que a factura da *Canção* seja posterior ao regresso do poeta ao paiz. Mas seria composta por esta epoca? A ex.ma sr.a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos julga que sim.

A illustrada senhora, reconhecendo que o assumpto foi tratado magistralmente e que a *Canção* de Sá de Miranda excede em muito o seu modelo, quanto á profunda expressão e intensidade do sentimento, não concorda com Dias Gomes em que ella seja a producção mais sublime que se encontra nas composições do illustre poeta da Tapada. A nosso ver, a *Canção*, realmente admiravel pelo sentimento que a vivifica, tem o seu tanto ou quanto de artificiosa.

Se não, veja-se:

....

Virgem, seguro porto e emparo e abrigo
A's môres tempestades; ah que tinha
O's ventos esta vida encomendada
Sem olhar a que parte ia ou vinha,
Vãmente descuidado do perigo,
Surdo aos conselhos, tudo tendo em nada,
Não vos seja em despreço ũa coitada
Alma que ante vos vem,
Por rezõis que tem,
De imigos grandes mal ameaçada.
E que eu tam pecador e errado seja,
Vença vossa piedade
Minha maldade grande e assi sobeja.

Virgem, do mar estrela, neste lago
E nesta noite um faro que nos guia,
Pera o porto seguro um certo norte;
Quem sem vos atinar, quem poderia
Abrir sômente os olhos vendo o estrago
Que atras olhando deixa feito a morte?
Quem proa me daria com que corte
Por tam brava tormenta?
De toda a parte venta,
De toda espanta o tempo feo e forte.
Mas tudo que será? coa vossa ajuda

Nevoa que foge ao vento
Que num momento s'alevanta e muda.

....

Virgem, nossa esperança, um alto poço
De vivas aguas, donde a graça corre
Em que se matão pera sempre as sedes;
Não de Nembrot, mas de David a torre,
Donde socorro espero ao meu destroço,
Assi tam perseguido como vedes,
D'antre tam altas, tam grossas paredes,
De ferro carregado,
Um coração coitado
Chama por vos envolto em bastas redes.
Esse que eu som, sinais inda algums tenho
De ser do vosso bando,
Que a vos bradando por piedade venho.

Virgem do sol vestida, e dos seus raios
Toda cuberta e ainda coroada
De estrelas, e debaixo o sol, a lũa,
São vindas minhas culpas d'assuada
Sobre mim tantas; valei-me ós meus desmaios!
De tantas que possa ir chorando algũa!
Não me deixárão desculpa nenhũa
Os meus erros sobejos;
Levárão me os desejos
O milhor das idades ũa e ũa.
Quem tromenta passou por toda a praia
Cos ventos contrastando,
Saia nadando, ja coa vida, e saia.

Virgem, horto cercado. alto e defeso,
Rico ramo do tronco de Jessé
Que milagrosamente enflorece,
Custodia preciosissima da fe
Que toda junta tivestes em peso
Quando um e o outro sol sua luz perdeu;
Rompão os meus sospiros o alto ceo,
E a vos cheguem, senhora,
Que assi voa de ora em ora
Envolto n'este cego e basto veo;
De dia em dia, vou me de ano em ano,
A minha fim chegando
Dessimulando a vergonha e o dano.

Não será exactamente a referencia á prisão artificio poetico? A *Vida* assevera que Sá de Miranda viu com desgosto a errada e malevola interpretação do *Aleyxo*, mas que, *nem querendo declarar-se milhor, nem esperar á vista os effeitos da ira declarada, tendo-lhe el Rey dado hua Comenda do Mestrado de Christo, que chamão as duas Igrejas*, preferiu retirar-se voluntariamente da côrte. Isto afasta, portanto, a idêa da perseguição.

Como se poderia explicar que o poeta soffresse duros tratos se contava com a amizade provada do seu bom amigo D. João III e com a terna affeição do herdeiro da corôa que lhe mandava pedir suas poesias! E' natural que se tenha manifestado acceso, a pretexto da *Aleyxo,* o odio dos inimigos de Sá de Miranda, mas não parece provavel que o soberano consentisse em o ver perseguido como um animal damninho a que fosse necessario encurralar. Vamos mesmo porque se metteu de permeio agraciando Sá de Miranda com a Commenda de Santa Maria das Duas Egrejas, conhecedor de sua grande vontade de se recolher á solidão.

O facto é que Sá de Miranda abandonou a côrte para nunca mais voltar a ella. Deixou *o mimo da Corte, a conversaçam dos amigos. a esperança de mayores merces assegurada no favor do Principe Dom João, que em muito tenra idade, começava a fazer lhe grande, é do Cardeal Dom Henrique, que com mostras de particular affeição assistia a suas cousas.* Tudo pôz de parte preferindo-lhe o socego corporal e espiritual.

O Minho, com a sua verdura de esmeralda, o seu azul purissimo, a fertilidade de seu solo, a simplicidade encantadora de primitiva de seus costumes, prendeu o philosophico poeta. A Commenda das Duas Egrejas, a que se retirara, ficava perto do Pico de Regalados, na margem esquerda do Rio Neiva, margens deliciosas como todas as do norte portuguez accidentado e exuberante de vegetação.

Por lá se deixou ficar Sá de Miranda, no encanto e socego da paisagem, a descançar das agitações da côrte e a inspirar-se em o doce decorrer de uma tranquilla existencia. Ali, que até a natureza é tocante de candura, que tudo encanta a alma e enleva o espirito, se fortaleceu o seu animo abatido pelos desgostos experimentados na côrte e foram produzidas as suas melhores composições poeticas.

Proximo da Commenda das Duas Egrejas vivia, em propriedades suas, Antonio Pereira Marramaque, senhor de Basto, homem tido por mui douto e versado em humanidades. Antonio Pereira entregava-se á vida placida dos campos, não sem que votasse os seus maiores ocios ao estudo, acompanhando com vivo interesse o movimento intellectual da Europa. Seguia os resultados do conflicto provocado pela Reforma e defendia-a com calor. Poetava tambem.

Entre Sá de Miranda e Antonio Pereira estabeleceram se relações que rapidamente se estreitaram e tornaram das mais intimas. Os dois poetas foram mesmo quasi inseparaveis durante cerca de dois annos, sendo Sá de Miranda hospede assiduo e considerado da casa de Basto, onde passava a maior parte do anno.

Das mãos de Antonio Pereira recebeu Sá de Miranda o primeiro exemplar das obras de Garcilaso e isto antes de 1536. Foi talvez esse offerecimento o ponto de partida da amizade que os dois sustentaram. Esse exemplar era, sem duvida, manuscripto, pois que a primeira edição d'aquellas obras

appareceu em 1543. E' certo que para o primeiro anniversario da morte de Garcilaso, em 1536, compôz Sá de Miranda a sua ecloga *Nemoroso* em que evidencia o mais intimo conhecimento não só das poesias do grande lyrico hespanhol como de sua propria vida.

Aprazíveis dias passaram os dois poetas. Gozaram a pulmões cheios o encanto dos prazeres campezinos. Sá de Miranda, *era inclinado á caça dos Lobos*. Não faltaram egualmente festas caseiras nem representações de comedias improvisadas a que vinham assistir os mais nobres dos arredores. Ás vezes, como era amigo de musica, Sá de Miranda tangia viola de arco.

Assim foram os primeiros annos que Sá de Miranda passou em o campo. Tudo tem fim n'este mundo e essa magnifica existencia da casa de Basto terminou por haver Antonio Pereira *partido para a corte com a sua casa toda,* como o poeta diz em a carta que lhe dedicou.

Não é precisamente conhecida a causa nem a data da partida de Antonio Pereira para Lisboa. Ha escriptores que affirmam ter-se ella realisado depois de 1540, isto é, em epoca em que o senhor de Basto começava a preoccupar-se com o futuro de seus filhos, nascidos por 1530, e entendia dever apresental-os na côrte. Parece a outros que Pereira pensava em os levar a frequentar a Universidade, o que não é possivel admittir-se pois que aquella, reformada por iniciativa de D. João III, voltou para Coimbra em 1537.

Seja qual fôr a causa que a determinou, a ida de Antonio Pereira para Lisboa deve ter-se effectuado antes de 1536. Accusam-o diversos indicios, entre outros os versos da carta que lhe dirigiu Sá de Miranda e pelos quaes se conclue que, ao tempo em que era escripta, viviam ainda Garcilaso e Gil Vicente. De resto, não se encontra n'ella a minima allusão a seu casamento, o que era natural dar-se sendo, como eram, os dois tão intimos amigos e constituindo aquella por assim dizer, um precioso inventario da feliz temporada que elles haviam levado em sua convivencia.

Sá de Miranda assistiu com immenso desgosto á

partida de Antonio Pereira. A proposito, escreveu a esplendida carta em que lhe faz amarissimas reflexões e reprova as enormes despezas que a mudança exigia. Depois, o perigo de seu bom amigo se perverter ao contacto com essa côrte de que elle fugira!

> Como eu vi correr pardaos
> Por Cabeceiras de Basto,
> Crecer em cercas e em gasto,
> Vi por caminhos tam maos
> Tal trilha, tamanho rasto,
> Nesta ora os olhos ergui
> A' casa antiga e á torre
> Dizendo comigo assi:
> Se nos deus não val aqui.
> Perigoso imigo corre!

Sá de Miranda recorda saudosamente, em sua carta, o bello periodo de convivio doce e sereno que tivera com Antonio Pereira, convivio simples e puro em que a conversa attrahente e erudita do respeitavel poeta que viajara por Italia era apreciada como o merecia. Confronta bellamente esse viver de provincia, á antiga, com o dos cortezãos sempre famelicos.

> Os bons convites antigos,
> Antes de se tudo alçar,
> Erão pera conversar
> Os parentes e os amigos,
> Que não pera arrebentar.

Os mezes mais calmosos do anno, julho e agosto, passavam-o os dois em a fonte da Barroca. A meza era frugal, a remir dias, placidamente, em suave conversação.

> A' vossa fonte tam fria
> Da Barroca em julho e agosto
> (Inda me é presente o gosto)
> Quam bem que nos i sabia
> Quanto na mesa era posto!
> Ali não mordia a graça,
> Erão iguais os juizes,
> Não vinha nada da praça,
> Ali da vossa cachaça,
> Ali das vossas perdizes!
>
> Ali das fruitas da terra,
> (Que dá cada tempo a sua)
> Colhida á mão cada ũa!
> Nunca o sabor a vista erra.
> Cheirosa, formosa, e nua.

Oh ceas do paraiso
Que nunca o tempo vos vença,
Sem fala da nossa ou riso,
Nem carregadas do siso,
Nem danadas da licença!

Os dois poetas liam, saboreavam e discutiam as melhores producções dos poetas antigos e contemporaneos d'elles. Falavam de Ariosto, de Bembo, de Sanazarro, de Laso e de Boscan, e Sá de Miranda apontava as bellezas dos modelos que procurava introduzir, advogava colorosamente suas innovações.

Des i, o gosto chamando
A outros môres sabores,
Liamos pelos amores
Do bravo e furioso Orlando,
E da Arcadia os bons pastores.
Se eu isto estimado agora
Vira como d'antes era,
Por meu conto avante fora,
Mas não diz ora com ora:
Vão se como ó fogo a cera!

Ou como se lê em uma outra variante de sua carta:

Liamos os Assolanos
De Bembo, engenho tam raro
Nestes derradeiros anos,
Os pastores italianos
Do bom velho Sanazaro.
Liamos ao brando Lasso
Com seu amigo Boscão
Que honrárão a sua nação
Ia me meu passo a passo
Aos nossos que aqui não vão.

Desejando pôr Antonio Pereira a coberto das tentações da côrte, Sá de Miranda descreve-lhe o máo estar do paiz, aponta-lhe os perigos que corre e condemna energicamente os desvarios de uma perdida nobreza. O seu amigo, assim prevenido, decerto se acautelaria e prudentemente havia de resistir ao refluxo da absorvente maré.

E' entrada polos portos
No reino crara peçonha
Sem que remedio se ponha.
Ums doentes, outros mortos,
Outro polas ruas sonha.
Fez nos a ousada avareza
Vencer o vento e o mar,

Vencer caje a natureza.
Medo hei de novo a riqueza
Que nos torne a cativar.

Em torno de Sá de Miranda como que se fez um vacuo enorme após a partida de seu inseparavel companheiro de estudos litterarios. Para bem avaliar a grandeza d'aquella amizade bastará apontar o logar que o nome de Antonio Pereira occupa em as poesias do cantor do Neiva. A elle communicou as impressões de suas viagens em cartas infelizmente perdidas e a elle dedicou as eclogas *Nemoroso* e *Aleixo*. Ao irmão Nunalvarez offereceu a sua esplendida *Basto*.

Então, tambem por 1536, parece ter Sá de Miranda passado a habitar a Tapada, vasta e magnifica vivenda com quinta e bosque que demandava a pequena distancia da Commenda. Esta transferencia de habitação tem sido mal comprehendida por alguns escriptores, inclusivé pela ex.ma sr.a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos que acha de todos os casos muito menos provavel que Sá de Miranda possuisse a Quinta da Tapada antes de obter a mercê da Commenda e que D. João III escolhesse Duas Egrejas exactamente como a mais proxima do retiro que o poeta havia preferido.

O anonymo biographo da *Vida* affirma expressamente que Sá de Miranda, *tendo-lhe el-Rey dado hua Comenda do Mestrado de Christo, que chamão as duas Igrejas... recolheu-se a hua quinta que tambem tinha ahi perto chamada a Tapada.* Indiscutivel, pois, que a quinta não fazia parte da Commenda e ainda mais indiscutivel que o poeta a possuia antes e independentemente de receber Duas Egrejas. Lá está o desconhecido contemporaneo a attestal-o por uma forma cathegorica.

E', por isso, racional admittir-se que a quinta fosse propriedade do poeta, talvez de familia, e tanto assim que continuou na posse dos seus descendentes, ao passo que a Commenda já por 1607 havia passado a outras mãos. Admissivel, tambem, que Sá de Miranda solicitasse a Commenda por se encontrar situada proximo da Tapada que *já possuia.* Provavel, finalmente, que a moradia em a Commenda tivesse em vista, apenas, dar tempo arealis arem-se na casa

da Tapada as adaptações necessarias para receber o poeta. E' de tudo o mais logico.

Sá de Miranda nem um unico momento afrouxou em sua actividade desde que se retirou ao Minho. A ociosidade foi para elle sempre uma palavra vã.

> O nome da ociosidade
> Soa mal, mas se ela é sã,
> Bem empregada em vontade,
> Socrates da liberdade
> Sempre lhe chamou irmã!

As obras dos poetas contemporaneos andavam em constante leitura. Ellas o estimulavam a proseguir.

> Co que li, co que escrevi,
> Inda me não enfadei.

Depois, com a auctoridade de seu nome e de seu caracter, principiava a ganhar adeptos sinceros. A sua musa é, então, vigorosa como nunca. A acuidade do poeta desenvolve-se extraordinariamente.

Sá de Miranda acompanhava do Minho, com o mais vivo interesse, os menores acontecimentos politicos. Preoccupava o o destino do paiz e não lhe era indifferente nem as prosperidades nem as desgraças que gosava ou soffria a existencia dos homens que dirigiam os destinos da patria. Esta parecia agora renascer brilhante como em os tempos aureos do venturoso D. Manuel. O movimento litterario renovava-se fazendo esperar novos dias de radiosa gloria. Na côrte, as boas lettras, a poesia, os estudos classicos, patrocinados pela familia reinante, prosperavam. A Universidade, reformada em 1537, passava a Coimbra, para que o bulicio da capital não fosse estorvo ao estudo, e para a dirigir vinham do estrangeiro professores dos mais illustres.

Sempre coherente de pensamento com as acções, esperançado em melhores epocas, Sá de Miranda escreve as suas *Cartas* a el-rei D. João III e ao seu velho amigo e parente João Rodrigues de Sá e Menezes. O patriota emerito mostra n'ellas o mais profundo conhecimento do que se passava na côrte e ataca com o seu costumado vigor as ambições dos aulicos. Em seu dizer sentencioso, severo mas commedido, tenta accordar as consciencias, ar-

rancar a nobreza aos deleites de uma vida capuana e trazel-a ao estricto cumprimento do dever.

Infelizmente, os appellos do poeta foram completamente perdidos e o cataclysmo, que havia de afogar as consciencias em ondas de sangue, vinha annunciado já pelas nuvens negras que appareciam da banda de Italia. A 20 de setembro de 1539 realisava-se o primeiro auto da fé. As chammas das sinistras fogueiras, elevando-se para o ceo com esgares satanicos, eram como maldições que arrastavam Portugal até ao anniquilamento de 1580.

A ecloga *Basto* e as *Cartas* a El-rei, a João Rodrigues de Sá e Menezes e a Antonio Pereira, este esplendido grupo de poesias pertence, em o parecer da ex.ma sr.a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, parecer com que nos conformamos, ao curto espaço de tempo que mediou entre a retirada da côrte e o casamento do poeta com D. Briolanja, em 1536.

Scintilla n'essas composições a quintilha, admiravel de vivacidade, sublime de causticidade sentenciosa. Como muito bem considera a illustrada escriptora sr.a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, a ecloga *Basto* e as *Cartas* representam o que ha de mais original e de mais valioso entre todas as composições poeticas de Sá de Miranda. São essas as que ainda hoje mais captivam as attenções. Lêm-se com agrado, prendem o espirito pela sua graça e dominam pela forte convicção que respiram.

O sr. Theophilo Braga estima, egualmente, as *Cartas* de Sá de Miranda como o que ha de melhor na poesia dos quinhentistas. E diz com razão que a quintilha, em o verso de sete syllabas, popular, torna-se facil e tão engenhosa que se presta a todas as descripções, a todos os dizeres e locuções particulares da lingua, aos apophtegmas já metrificados pela tradição. Como *satyras*, as *Cartas* em nada desmerecem ás de Horacio ou de Tolentino. De resto, Sá de Miranda era, sobretudo, um moralista e a poesia prestava-se, principalmente na redondilha, para os dizeres conceituosos.

Das *Cartas* destaca-se, pela energia, pela hombridade e rectidão de caracter com que se affirma o poeta, a dirigida a el-rei. Como bellamente assi-

gnala a ex.^ma^ sr.^a^ D. Carolina de Vasconcellos, não se sabe que admirar mais n'ella, se a nobreza da linguagem, se a alma do patriota, se o grande caracter do fidalgo, se a ironia aguda do moralista. Antes deve admirar-se, essa carta, por todo esse conjuncto de predicados raramente reunidos.

A *Carta a El-rei* foi, por assim dizer, a despedida do poeta a D. João III, o seu adeus á côrte. Sá de Miranda dirige-se ao monarcha como vassallo leal, cuja confiança lhe permitte fallar com desassombro, não como cortezão lisongeiro. Tem em vista expôr a verdade, não a intriga. E fal-o empregando uma fórma aphoristica e sentenciosa que mais impõe a severidade de seu caracter.

Sá de Miranda relata ao rei o estado de degradação a que o paiz chegara, aponta lhe o servilismo enganador dos fidalgos que o rodeiam, indica-lhe os perigos de que precisa defender-se e incita-o a uma acção energica para limpar e purificar a corrupta sociedade que o cerca. A consciencia do poeta, a sua grande amizade ao monarcha, o convencimento que lhe dá o conhecer intimamente os males de que enferma a côrte, a auctoridade do seu caracter, emfim, o sentimento do dever e um sentimento rigoroso e inabalavel que, de resto, se nota em todas as suas poesias, leva-o a nada encobrir ao rei. A carta a D. João III é filha de uma convicção profunda, clara e persuasiva.

Não ha duvida que a humanidade de si esconde vicios. Mas a falsidade é o peior mal e que mais irreparaveis damnos póde causar.

> Onde ha homens, ha cobiça,
> Ca e la tudo ela empeca,
> Se a santa igual justiça
> Não corta ou não desempeça
> Quanto a malicia enliça.

Sá de Miranda experimentara os maiores desenganos n'essa côrte corrupta e enganadora que repugnava ao seu caracter franco e leal e que o levara a retirar-se para o Minho. Dando satisfação d'esse passo ou antecipando-se a solicitações a que não desejava acceder, justifica se cabalmente de seu pro cedimento.

Quem graça ante o rei alcança
E i fala o que não deve,
(Mal grande da mâ privança !)
Peçonha na fonte lança
De que toda a terra bebe !
Quem joga onde engano vai,
Em vão corre e torna atras,
Em vão sobre a face cai.
Mal hajão as manhas mâs
De que tanto dano sai !

Homem d'um sô parecer,
D'um sô rosto e d'ũa fe.
D'antes quebrar que volver,
Outra cousa pode ser,
Mas de corte homem não é.
Gracejar ouço de ca
Dos que inteiros vêm e vão
Nem se contrafazem la :
Como este vem aldeão !
Que cortesão tornará.

A famelica côrte, astuciosa e matreira, ria-se da rudeza do *aldeão*. Demais o sabia Sá de Miranda. Elle, porém, não se ri, mas com a sua penna acerada fal os sangrar e enraivecer. Anima-o a ser franco a bondade com que, espera-o, el-rei se dignara acolhel-o.

Senhor, hei vos de falar
(Vossa mansidão me esforça)
Craro o que posso alcançar :

El-rei estava rodeado de uma camarilha infame, mansos cordeiros apparentemente, mas por dentro lobos robazes. Espinha de vime e falas de assucar, lisongeiros emeritos, os cortezãos não curam de mais que dos interesses proprios e, explorando torpemente a bondade do rei, pensam unicamente em servir o seu vil egoismo.

Andão pera vos tomar
Por manhas, que não por força.
Por minas trazem suas hazes,
Os rostos de tintoreiros.
Falsas guerras ! falsas pazes !
De fora mansos cordeiros,
De dentro lobos robazes !

Tudo seu remedio tem ;
Que é assi, bem o sabeis,
E o remedio tambem.
Querei-los conhecer bem :
No fruito os conhecereis.

Obras que palavras não !
Porem, senhor, somos muitos,
E entre tanta obrigação
Trasmalhamos nossos fruitos
Que não saibais cujos são.

Um que por outro se vende,
Lança a pedra, a mão esconde,
O dano longe, se estende.
Aquele a quem doi, se entende,
Com sôs sospiros responde.
A vida desaparece ;
Entretanto geme e jaz
O que caiu ! e acontece
Que d'um mal que se lhe faz,
Môr despois se lhe recrece.

Pena e galardão igual
O mundo em peso sostem.
E' ũa regra geral
Que a pena se deve ao mal,
O galardão ao bem.
Se algũa ora aconteceu
Na paz, muito mais na guerra,
Que d'esta lei se torceu,
Faz se engano ás leis da terra,
Nunca se faz ás do ceo.

São saccos sem fundo os miseraveis, exploradores ignaros dos fracos. Nomes e rostos honrados encobrem bandidos consummados. Desgraçados dos pequenos que nem sequer podem fazer chegar seus clamores até ao rei. Esteja o monarcha vigilante e atalhe com firmeza o mal.

Não têm fundo aqueles sacos.
Inda mal com tantos meos
Pera viver dos mais fracos
E dos suores alheos.

Que eu vejo nos povoados
Muitos dos salteadores
Com nome e rosto de honrados
Andar quentes e forrados
De pelos de lavradores.
E senhor, não me creais
Se não as achão mais finas
Que as dos lobos cervais,
Que arminhos nem zebelinas.
Custão menos, valem mais.

Ah senhor, que vos direi
Que acode mais vento ás velas ?
Nunca se descuide o rei,
Que inda não é feita a lei,
Ja lhe são feitas cautelas.

Então tristes das molheres,
Tristes dos orfãos cuitados,
E a pobreza dos mesteres!
Que nem falar são ousados
Diante os môres poderes.

Esplendido caracter o de esse homem de uma franqueza verdadeiramente sem egual. Se os reis tivessem sempre conselheiros assim leaes, quantas desgraças não evitariam aos seus subditos, quantas injustiças não lhes poupariam! E, necessariamente, essa admiravel carta encerra allusões directas a acontecimentos conhecidos de D. João III, mas que hoje são difficeis de traduzir.

A ex.ma sr.a D. Carolina de Vasconcellos, considerando particularmente a *Carta a El Rei*, aprecia-a como um desforço contra a injustiça com que trataram o poeta, porque só ouviram seus inimigos e não lhe concederam sequer o direito de pedir satisfação pelas armas ao poderoso que o calumniou. Não iremos tão longe, mesmo porque não está ainda averiguada a certeza da perseguição de que se diz ter sido victima Sá de Miranda, mas, dado que a escrevesse com uma intenção de desforra, nem por isso se deixará de avaliar em seu justo valor a famosa carta.

Em a dirigida a João Ruiz de Sá de Menezes, o poeta insiste em os perigos que teme para o paiz. O bom patriota, lá do seu retiro do Minho, nem um só momento esquece o que devia á patria.

Estes mimos indianos
Hei gram medo a Portugal
Que venhão fazer os danos
Que Capua fez a Anibal.

Sá de Miranda curava-se, agora, com a philosophia. Temia mais os inimigos de casa que os de fóra. Eram aquelles que estavam promovendo a ruina de Portugal.

Cura me filosofia
Que me promete saude;
Dei lhe a mão, ela me guia,
Ouço falar da virtude;
Se a visse, sarar me hia.
Diz Platão, que é dos milhores,
Quem posesse os olhos nela,
Que verdadeiros amores
Sempre traria com ela.

Como digo, eu sô de ouvir
Ando como homem pasmado,
Desejoso de a seguir,
Chorando todo o passado,
Temendo todo o porvir.
De fora ha muitos perigos
A cuja lembrança temo,
Em casa aqueles imigos
Que eu mais que os de fora temo.

E, mais que nunca, votava a sua attenção para os grandes modelos da litteratura classico italiana. Lia-os e relia-os com admiração, não se cançando de os estudar e de procurar desvendar os mysterios de sua inspiração.

Aqueles cantares finos,
A que *liricos* disserão
Os Gregos e os Latinos,
Digão me donde os houverão
Salvo dos livros divinos?
Quantos que d'ahi ao seu
Trouxerão auguas á mão.
Regou Pindaro e Alceu,
E em môres prados Platão!

Mas é o que ora aprendo
Ler por eles de giolhos,
De que sei quam pouco entendo.
Mas fossem dinos meus olhos,
De cegar sobre eles lendo!
Que, dos seus misterios altos
Assi lubrigando vejo
Que não são pera tais saltos:
Gemo sômente e desejo.

Indubitavelmente a carta a João Ruiz de Sá de Menezes foi, tambem, escripta antes de Sá de Miranda se casar. Indica-o as allusões que faz ao amor e as duvidas com que mostra luctar antes de se resolver a esse passo decisivo.

Fui posto em gram diferença
Se casaria, se não?
Houve de sair sentença
Que a sô ũa desse a mão,
A's outras boa licença.

A composição que mais absorveu os cuidados de Sá de Miranda foi a ecloga *Basto*, cheia de intimas confidencias. O poeta, parece, levou toda a sua existencia a depural-a, chegando mesmo a refundil-a. Conhecem-se d'ella umas quatorze variantes mais ou menos desiguaes, das quaes as mais

antigas são escriptas em decimas e as mais recentes foram reduzidas a estrophes de oito versos.

Encantadora essa ecloga em que Sá de Miranda deixou correr a sua penna livremente, sob o impulso da inspiração popular. E' a *Basto* um dos monumentos mais bellos de nossa litteratura e um dos melhores quadros de nosso viver intimo em o seculo XVI, frisando admiravelmente o contraste entre a sociabilidade urbana e a insociabilidade rustica, ou melhor, entre a vida palaciana, toda de prazeres, e a do campo, entre ares e caracteres puros. Formosa descripção de costumes minhotos, originalissima, os episodios simples e graciosos tocam pela ingenua candura de um verdor e transparencia de agua corrente. O dialogo é sereno, mas vivo.

A *Basto* seduz tanto pela elegancia da phrase e pelo subtil do descriptivo, que se é tentado a consideral-a como a melhor composição poetica de Sá de Miranda. As suas bellezas, incontestaveis, passaram indifferentes a muitas gerações que n'ella achariam um modelo digno de estudo cuidado. O que prova quão transviados da tradição nacional, tão rica de primores, têm andado quasi todos os nossos poetas.

Um dos episodios mais admiraveis pela sua simplicidade expressiva aqui o reproduzimos, segundo o *ms.* enviado ao principe D. João.

O moço que entra em terreiro
E não toca o chão de leve,
Polo ar voa o pandeiro,
E a toda a festa se atreve
Ele sô com seu parceiro,
Este tal baile, este cante,
Este seus jogos ordene,
Corra, va, pase adiante,
Este voltee, este espante,
Este dê penas e pene!

Mas quem já se vêm das pontas,
Não acha o que soía em si,
Começa entrar noutras contas:
Ouvi ja milhor e vi,
Suar e passar afrontas.
Vai se o tempo, tudo foge,
Corre o dia após o dia;
Queres que homem não se anoje?
Que me não conheci hoje
Nũa fonte em que bebia.

Este interessante descriptivo ou episodio, como queiram chamar-lhe, foi posteriormente aperfeiçoado pelo poeta. Em a variante que passa como a melhor da ecloga, apparece elle posto na bocca de *Bleito* assim :

O moço que entra em terreiro
E não toca o chão, de leve.
Sô ele co seu parceiro
A toda a festa se atreve,
Este tal jogos ordene,
Este nas aldeas more,
Este balhe, este namore,
Este dé penas e pene ;

Este os seus contentamentos
Diga em cantares nas vodas,
Este nos ajuntamentos
Dê mil voltas, no ar todas,
Este quando lhe aconteça
Que em Filipa ou em Marta sonha,
O's domingos feitos ponha
Ou das malvas na cabeça ;

Deixe o gado sô no monte
Em perigo, e corra a terra
Por saber quem vai á fonte
Depois que a noite se cerra ;
Este tenha e perca arrufos,
Este logre abril e maio,
Este dé golpes no saio
E todo se empole em tufos !

Mas quem cuida e lança contas
Que tanto e tanto relevão,
Que fará ? tu não te afrontas
Coa pressa que as vidas levão ?
Passa pera sempre o dia,
Passa o ano, tudo foge,
Que me não conhecia hoje
Vendo me quando bebia ;

Antes, quando ia beber
Sequioso e mui cansado,
Houvera d'esmorecer
Vendo me assi tam mudado.

Responde Gil com uma esplendida apologia da vida simples do campo, vivendo livre, entregue aos cuidados da previdente natureza. As vantagens e os encantos d'essa existencia feliz são deliciosamente expostos, salientando se pela convicção que lhe imprime o poeta.

Andando assi não me empecem
Maos olhos nem mâs palavras,

5

Nem me temo se engafecem
Entre nosoutros as cabras,
Nem menos que o meu cabrito
Me furte o vezinho e coma ;
Aqui, se paixão me toma,
Posso cantar voz em grito,

Com estas aves, que tais
Duas aventagens têm
D'esses outros animais,
Voar e cantar tam bem,
Ou ao som d'agua que cai
Rompendo polos penedos,
Eles que sempre estão quedos,
Ela que a gram pressa vai.

Dá me de que me mantenha
Este meu gado com leite,
Acho polo monte lenha,
Acho abrigo onde me deite
E faça quanto quiser.
E a noite tras a fogueira
Trago isca e pederneira,
Vinho não-no hei mester.

Ves tu a minha cabana?
Como o tempo acode, assi
A mudo. Nem Guiomar nem Ana
Não dão voltas por aqui,
Que me façam merecer
Muitas d'estas varapaos
Com seus olhos vaganaos
Bons de dar, bons de tolher.

Passado o frio e a neve,
Quando ó gado é cousa sã
Andar trosquiado e leve,
Visto me da sua lã.
Abasta me o seu sobejo
Pera tudo que hei mister ;
Assi como o ano quer,
Assim com ele me rejo.

Para cousas que acontecem,
Trago comigo rafeiros
Que outras suas mãis parecem
Das mãis dos seus cordeiros.
Inda que se a ovelha esqueça
A trasparida e maltreita,
O cão cab' ela se deita
Té que eu em busca apareça.

Deixa me ver este ceo
E o sol como vai fermoso.
Que gram caminho correu
Desd'hoje e quam espaçoso.
Vai seguindo a outra párte,
Irá ver gente estranha,

Outra terra, outras montanhas
Que de nos não sabem parte.

Deixa me ver estas flóres
Tantas que nacem de seu!
Que este é o meu mal d'amores,
Ou de fora, ou de sandeu,
E mais, se inda mais quiseres,
Sicais que será verdade.
Porem tenha eu liberdade!
Dé vos deus muitos prazeres!

Aqui não sou com vezinhos
Cada ora aos empuxõis,
Nem sei sômente o caminho
Da vila e seus são Juõis,
Que, em vez de matar, avivão
Outra vez as diferenças.
Que te aproveita que venças
Se vencendo te cativão?

Sá de Miranda, como moralista eximio que era, pois a sua poesia visava sempre a instruir, a educar, não a simples distracção, servia-se frequentemente da allegoria e da fabula. Na ecloga *Basto* demonstra a forma brilhante como sabia applicar as velhas fabulas classicas, ou ainda as que corriam entre o povo, ao seu intuito conceituoso. A licção d'ellas tirada é sempre a mais apropriada.

Ha em a *Basto* duas bellas fabulas: a de *Gil Ratinho* e a do *Bacoro Ovelheiro*. Engraçadissima a primeira.

Fui um dia a vila, Gil,
E logo, ó sair da casa,
Mais verde que um perrexil
Cuidei que matava a brasa
De galante e de gentil.
Bem passei cos viandantes
Mas despois la, quando cheas
Vi ruas de outros galantes,
Se eu viera ufano de antes,
Não tornei tal ás aldeas.

Dezia um vendo me assi:
Bom vai o do barretinho!
Outros dar os olhos vi.
Outros chamar me ratinho,
Tanto tê que me escondi.
Finalmente por acerto
Vi algums nossos de ca,
Deixei os chegar mais perto,
Meti me antre eles por certo.
Que tarde me acolhem la!

Não menos conceituosa a do *Bacoro Ovelheiro.*

Um bacorote orgulhoso
Deu vista ó gado ovelhum,
De quexiquer espantoso
Trombejava ele um e um,
Andava todo bravoso.
Vem o lobo um dia e apanha
Polo pescoço o doudete,
Abrandou lhe aquela sanha,
Brada *ai dos meus* ; em tamanha
Pressa ninguem arremete.

Vinhão os porcos da aldea
Mais atras, grunhir ouvirão ;
Cada um d'eles esbravea,
Estes si que lhe acudirão :
Perde o lobo a sua cea.
Ele solto, viu que o gado,
Da lã branca estava olhando
De longe, ainda amedrontado.
Antes. disse, *ser mandado,*
Que a tal perigo tal mando.

Esta preciosa allegoria ?

Do leite e sangue empolado
O bezerrinho viçoso
Corre e salta polo prado,
Despois lavra perguiçoso,
Tira o seu carro cansado.
Cos dias e co trabalho
O brincar d'antes lhe esquece,
Não é ja o que era almalho,
Venda se pera o talho
Que este boi velho enfraquece !

Ainda nenhum escriptor portuguez tratou com tanto engenho o fabulario, ainda nenhum o applicou tão bem e lhe deu tão bello relevo. Sá de Miranda allia delicadamente a grandeza com a graça, a par de uma maneira simples e primorosa de contar.

Em a carta que posteriormente dedicou a seu irmão Mem de Sá, o poeta utilisa admiravelmente a fabula de *o rato do campo e o rato da cidade.* Sá de Miranda conta-a em referencia á sua situação, convencido de sua verdade que tanto ao vivo sentira. Realmente não valeria mais o pouco a par das alternativas das grandezas ? O poeta podia responder afoutamente.

Essa linda fabula, de origem grega diz-se, mas verdadeiramente anterior aos hellenos, espalhada na antiguidade sob o nome de Esopo, tem tido enume-

ras imitações. O Arcypreste de Hita tratou-a com grande relevo. La Fontaine tambem lhe deu um certo brilho e a sua fórma é das mais espalhadas entre nós. Pois, de todas as imitações modernas, a mais valiosa é a de Sá de Miranda. Isto, como o reconhece a ex.[ma] sr.[a] D. Carolina de Vasconcellos, sob o ponto de vista da espontaneidade, da graça natural e da travessura ingenua.

Quem as confrontar deve reconhecer a justeza da nossa apreciação. Para a vulgarisar a reproduzimos, embora seja um pouco extensa.

Um rato usado á cidade
A noite o tomou por fora;
(Quem foge á necessidade?)
Lembrou lhe a velha amizade
D'outro rato que ahi mora.
O qual assi salteado
De um tamanho cidadão
Por lhe fazer gasalhado
Dá mil voltas o coitado
Que não põi os pés no chão.

Faz homem a conta errada,
(Que mil vezes acontece)
Cresceu me muito a jornada,
Diz, entrando na pousada
O cidadão que aparece.
Estoutro poendo lhe a mezinha,
Põi lhe nela algum legume;
Mesura quando ia e vinha,
Deu lhe tudo quanto tinha,
Pede perdão por custume.

Cumpre muito aquela mesa
Mais da fome que da gula;
Faz claro a fogueira acesa;
Mostra bom rosto á despesa.
Vem o outro e dissimula.
E está dizendo consigo:
Este não foi pera mais!
Que vai de Pedro a Rodrigo!
Bem diz o enxempro antigo
Que os dedos não são iguais!

Ora despois de comer,
Jazendo detras o lar,
Começa o rico a dizer:
Dous dias que has de viver
Aqui os queres passar?
Na secura de um deserto
Que não sei quem o soporte,
De urzes e tojos cuberto,

Sendo tudo tam incerto
E tam certa sô a morte ?

Vive, amigo, a teu sabor;
Mais é que cousa perdida
Quem por si escolhe o pior.
Vai te comigo onde eu for,
La verás que cousa é vida.
Des que um e outro provares,
(Que eu de outrem não adevinho)
Quando te não contentares,
Aqui tens os teus manjares
I tambem tens o caminho.

Assi disse! Eis o villão,
Em alvoroço e balança,
Ia e vinha o coração
Ora si, e ora não.
Venceu porem esperança!
E que deve i al fazer?
Vive de tanto suor!
Inda não pode viver,
Não pode o ano vencer,
Sempre a saida é milhor

E diz: Quem não se aventura,
Não ganha! Rezõis contadas,
Escolhem ora segura,
Entrão por ũa abertura;
O rico sabe as entradas.
Vão se por paços dourados,
Todos cheirosos da cea.
Tristes dos casais coitados
Do sol e vento torrados!
Pobre e faminta da aldea!

Vou me por meu conto avante:
Amostra o cidadão tudo
Que traz no bucho um infante;
Vão os seus gabos diante.
Pasmado o outro anda mudo,
Que tam sômente em provar
Das cousas que i mais lhe aprazem,
Ja começão de engeitar;
Fartos pera arrebentar
Sobre bons tapetes jazem.

Nisto o despenseiro chega
(Que estes bens não durão tanto);
Ve os ele, a pressa o cega,
Um lanço e dous mal emprega,
Corre os de canto em canto,
Os cãis á volta se erguérão,
Ládrão, (que é alto o serão)
As casas estremecérão,
Ums e outros i corrérão:
Foi dita que os gatos não!

Sabia o maior da manha,
Sabia a casa, e fogiu;
O' ratinho da montanha.
O's pés em pressa tamanha
O' coração lhe caiu.
Mas espaçado o perigo
E a morte que ante si vira,
O coitado assi consigo,
Por seu asessego antigo
Que mal deixara, sospira:

Minha segura pobreza,
Se chegarei a ver quando
A vos torne? e esta riqueza,
Mal que tanto o mundo preza,
Fuja (se poder) voando?
Ai baldias esperanças!
Meu entendimento fraco!
Que al temos das abastanças?
La guardai vossas mostranças,
Deus me torne ao meu buraco!

Das composições poeticas de Sá de Miranda pode-se destacar um fabulario do mais alto e inapreciavel valor. Ainda ninguem soube fazer-lhe a merecida justiça de uma edição condigna. Não devem os nossos editores curar unicamente de propagar a litteratura de além Pyreneus, sendo para desejar que as suas boas escolhas recaiam especialmente em o muito que ha das boas lettras em Portugal.

Em 1536, Sá de Miranda casou com D. Briolanja de Azevedo, irmã de Manuel Machado, opulentissimo senhor de Entre-Homem e Cavado, em o alto Minho, e muito da amizade do poeta da Tapada. O enlace parece ter sido resultado de amor mais do que de desejo de gosar o viver modesto e socegado da familia.

A analyse de algumas das poesias de Sá de Miranda leva a inferir que D. Briolanja era uma senhora formosa e que elle, por a ver, concebeu paixão por ella. Seus cabellos brancos, mais causados pelos desgostos que pela edade, ainda que o poeta andasse pelos cincoenta annos, far-lhe-hiam receiar ser repellido.

E o poeta não hesitaria tambem em perder a sua liberdade varonil ao casar-se? Camillo Castello Branco, com o seu conhecido humorismo, diz que o haver sido Sá de Miranda marido exemplar não fará deprehender que fosse descaroavel para com as demais mulheres. Como homem bem morigerado pelos annos déra á esposa o coração estreme, escreveu o grande romancista, excluindo d'essa entranha arisca todas as mulheres a quem apenas concedia licença — uma concessão assaz agradavel, qualquer que fosse.

E' o poeta que o declara na carta a João Ruiz de Sá de Menezes, evidentemente escripta antes do casamento.

Fui posto em gram diferença
Se casaria, se não?
Houve de sair sentença
Que a sô ũa desse a mão,
A's outras boa licença.
Isto assentado, Amor deu
Claro sinal que era ali;
Eu o som do coldre, eu
O som das setas ouvi,

Amor, que estás sempre avindo
E junto á propria verdade,

Sejas por sempre bem vindo
Ao entregar da vontade,
Que entrego em te aqui sentindo,
Pôi do teu fogo a esta casa!
Arça sempre e nunca abrande,
Que deus é fogo que abrasa:
Sei o de um privado grande!

Da força do amor diz Sá de Miranda em o soneto seguinte:

Mas que não pode Amor? Fez me engeitar
Tam levemente a mim por quem me engeita.
Castelos de esperança e de sospeita
Faz, e não sei que faz! é tudo um ar.

Fez me pedras colher, fez mas lançar.
A alma, apertando as mãos, toda encolheita,
A' força que fará e á lei estreita
Que em fim, queira ou não queira, ha de passar?

Como, e tão cego era eu que da vontade
Fiei tudo, que tudo a traves guia,
Tam gram contraira minha e da verdade?

Que al se podia esperar d'ũa tal guia?
Cai onde ora jaço; oh crueldade!
Não sei quando é noite ou quando é dia.

A lenda, porém, pretende que a D. Briolanja era tão feia de rosto como de nome e, para mais, velha e tropega. A *Vida* refere até uma engraçada historia a respeito d'esse consorcio. Conta que estando o poeta em a Tapada, *logrando quietamente o fruto de seus estudos e peregrinações. casou com Dona Briolanja Dazevedo filha de Francisco Machado senhor da Lousãa de Crasto Darega, e das terras de entre Homem e Câvado e de Dona Ioana Dazevedo sua molher, com a qual viveo annos em grande conformidade sendo ella tão pouco fermosa exteriormente e de tanta idade que quando a pedio a seus irmãos Manoel Machado e Bernaldim Machado, por ser seu pay já morto, não quiserão elles differir-lhe ao casamento, sem que primeiro visse bem a noyva, e sendo lhe mostrada pollos irmãos, disse para ella, castigay-me senhora com esse bordão, porque vim tam tarde...*

Camillo Castello Branco, achando, e com toda a razão, exquisito que a noiva do dr. Francisco de Sá recebesse o noivo de aggressivo bengalão alçado,

viu um erro typographico n'aquelle adjectivo articular *esse*, que deveria ser *este*. Quem levaria o bordão seria o poeta que, ao cumprimentar graciosamente a linda noiva, diria: — Castigai-me, senhora, com este bordão porque vim tão tarde. — Significava assim que entrara em o declinar dos annos por haver passado os quarenta e cinco, ao passo que D. Briolanja estava em pleno brilho da mocidade.

O sr. Theophilo Braga crê que da má comprehensão do dito a que allude a *Vida* e que ficou em proverbio se formou a tradição de ter Sá de Miranda casado com uma senhora velha e feia. Em verdade, não se póde acceitar semelhante lenda. visto que da leitura das composições do poeta, dos parabens com que se felicita, se deprehende tratar-se de uma senhora, muito pelo contrario, nova e formosa. Que, ao mesmo tempo, o poeta frisa bem a sua edade avançada. O dito do castigae-me deve antes ser olhado como uma galanteria bem comprehensivel em um cavalheiro de trato tão esmerado como era o poeta.

Foi em extremo venturoso esse enlace. D. Briolanja era senhora de elevadas qualidades moraes, de preclaras virtudes e animo levantado. Sá de Miranda, *estimando sobretudo os dotes dalma daquella matrona, que foram excellentes. . . do descanço de seu marido, da criaçam de seus filhos, da doutrina de seus criados e do provimento de sua casa*, dedicou-lhe uma affeição tão sincera quanto intensa.

Vida santa, vida amantissima a d'aquella familia exemplar. *Sobrio e austero comsigo*, Sá de Miranda era *largo com algum excesso cos hospedes que indifferentemente agasalhava com gosto particular, costumando a dizer que o livravam de si o tempo em que os conversava.* As festas familiares eram distracções para o seu melancolismo, cujas causas tem resistido a todas as investigações. Essas visitas proporcionavam ao poeta horas agradabilissimas de um convivio doce e terno. Vieram depois os filhos e com elles novos cuidados a Sá de Miranda que sempre procurou dar-lhes uma educação primorosa, fazer d'elles cavalleiros esforçados e honestos. Ao mais novo, Jeronymo, *com nam ser muy*

rico, mandou o aprender musica tendo em sua casa *mestres d'ella custosos.*

Após seu casamento com a irmã de Manoel Machado, Sá de Miranda voltou novamente e com afinco á propagação dos metros italianos. Animou-o talvez o exito alcançado em Hespanha por Garcilaso e Boscan que acabavam de triumphar impondo-se. A grande reforma litteraria vencera ali finalmente.

As poesias dos dois poetas hespanhoes exerceram sobre elle, n'este ultimo periodo de sua actividade poetica, uma influencia decisiva, influencia que foi até passar a escrever quasi todas as suas eclogas de metro hendecasyllabico em hespanhol. E' que a harmonia meiga e suave d'aquellas poesias o seduziu a ponto de considerar a lingua castelhana como mais melodiosa, mais euphonica que a portugueza, que difficilmente se ia pulindo e abrandando.

A influencia do grande lyrico hespanhol, de Garcilaso, dominou esta nova serie de producções do famoso poeta quinhentista. Falto de espirito de originalidade, o unico e verdadeiro defeito que se lhe póde encontrar, Sá de Miranda mais uma vez se acostou aos espiritos que se evidenciavam pelo talento e serve-se quasi das mesmas formas metricas e dos mesmos artificios. Comtudo, vae além do que Garcilaso e Boscan ousaram, intercalando redondilhas, á laia de coplas cantadas, em meio dos versos de onze syllabas.

Muitas passagens encantadoras, de uma vaga magía, se encontram nas eclogas em hendecasyllabos hespanhoes. Rescendem ellas um sentimento profundo e têm uma rara vivacidade. Mas, como o faz notar a ex.^ma^ sr.^a^ D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, não agradarão a todos por haver n'ellas, por vezes, transicção abrupta de certos dialogos em estylo simples, á moda de Theocrito, para canções de um idealismo, de um platonismo indeciso. Fluctuação immotivada, embora rara, entre as formas cultas italianas e os metros da velha escola peninsular, mistura de uma philosophia ideal com uma serie de traços realisticos tirados da vida dos pastores portuguezes e promulgados em um tom intencionalmente rude e energico, esta desigualdade faz desmerecer

muito a belleza d'essas composições que a têm innegavelmente. O poeta, ainda pouco seguro dos modelos que procurava egualar ou muito aferrado á tradição nacional para romper completamente com ella, como que hesita, titubia em suas innovações.

Por essa época e até 1538, escreveu as eclogas *Celia*, *Andrès*, o *Epitalamio Pastoril*, o *Encantamento* e, em o outomno de 1537, a ecloga *Nemoroso*, destinada a commemorar o anniversario do fallecimento de Laso. D'estas producções, em que uma critica desapaixonada e rigorosa poderá encontrar meritos dignos de louvor, destacam-se a *Andrés* e a *Celia*.

A ecloga *Andrés* é uma sentidissima referencia a tristes acontecimentos passados, a que o poeta assistira certamente com a mais cruciante magoa. Descreve as peripecias do casamento do infante D. Fernando, irmão de D. João III, com D. Guiomar, conhecida na ecloga pelo nome de Pascuala. Ha n'ella passagens vividas de sentimento. A bella alma do poeta manifesta-se com um suave e palido brilho de lua de maio.

Da frescura deliciosa, da admiravel simplicidade d'essa excellente composição, dirá esta passagem, uma das capitaes n'ella:

Aun las fieras salvajes quantas son
Vencer se dejan de humanidad buena;
El toro bravo, el mas bravo leon
Con tiempo muestran que pierden la pena,
El uno en iugo, el otro en la prision.
Si la voz conocida al aire suena
Del halconero, abaja desde el cielo
A prender se el halcon mas que de vuelo.

Todo lo vience el tiempo i la porfia:
En marmol duro si el agua desciende,
Ella tan blanda cava todavia;
Es duro el hierro, gasta se por ende;
Lo que no puede un dia, haze otro dia.
A las sus fuerzas, quien se le defiende?
Durisima Pascuala quanto en ti
De amor, trabajo, fe, tiempo perdi!

Vemos la golondrina vuelto el pecho
Al viento como un raio ir se volando,
Ora en cielo, ora en tierra, a trecho a trecho,
Que la vista la va mal devisando.
Contra la vena de agua por derecho
Van truchas las azudas trespasando.

Con quantas aves de entre dia vuelan,
Otras la noche escura se desvelan.

Ha i animales que a los nuestros fuegos
Se acogen, constreñidos del mal frio,
Otros no vence estonces, como juegos;
Aves del cielo biven por el rio,
Otros se esconden por la tierra ciegos;
Biven del fuego, biven del rocio:
No sé de condicion que eres Pascuala
Pero no de mujer, no de zagala,

Mas antes de zagala i de mujer!
Que debajo de aquella vista hermosa,
Tan llegada al divino parecer,
Escondió la natura artificiosa
El maior mal que pueden ojos ver,
Engaño que haz la pena deleitosa,
Ponzoña de gran fuerza! mata el vel-las,
Mata el oil-las, mata el oir d'elas!

Oh que haias mucho de mal grado, Amor
Que ansi nos turbas el entendimiento?
Al maior daño diste mas sabor,
Errado el peso, la medida, el cuento,
Donde se sigue que de tal error
Se vengan recreciendo ciento a ciento,
Qual fuente avelenada perenal
Donde mana despues tanto de mal!

Suerte mucho cruel que tal consiente?

Logo abaixo da *Basto*, embora em verdade muito inferior, pode ser collocada a *Andrés*. A *Celia*, dedicada ao infante D. Luiz, não é tão mimosa, porém quasi lhe eguala em sentimento. O poeta canta uma mulher desapparecida, o amor querido do alludido principe.

Ai Celia! quantas lagrimas devidas
Te son! i quantas, si remedio diesen
A cosa alguna de mas a las vidas
Por quien costumbre quiso se vertiesen
En vano tantos tiempos, si no havidas
De los mas sabios por flaqueza fuesen.
No digo mas de si ni mas de no
Son que causa terná quien nos las dió.

Aquel dolor que va turbando dentro
De cuerpo i d'alma todos los sentidos,
Pasando al corazon que es el su centro,
Las lagrimas de alla manda i gemidos
Que abran camiños a aquel duro encuentro;
Sino, que es fuerza, siendo detenidos,
Con el fuego encerrado i las centellas
Ardan las casas i el señor con ellas.

....
Estés por siempre, buena Celia, en gloria
I siempre en fama qual dejaste aqui;
Deve se tal corona a tal vitoria
Del enemigo, del mundo, i de ti.
Duros contrarios que en nuestra memoria
No sé vencidos quien los haia ansi:
Derechamente corriste a la palma,
Dejaste el cuerpo atras, avante el alma.

Em 1538, apresentou o poeta a sua segunda comedia classica *Os Vilhalpandos*, escripta em prosa como a primeira Esta e os *Estrangeiros*, o Cardeal D. Henrique que depois foi Rei, *tam pio*, *tam zelador da Fé, e dos bons costumes, reformador das Religiões, Legado á Lattere. Inquisidor-Môr*, *não só lhas mandou pedir pera as fazer (como fez) representar diante de si por pessoas que depois foram grandissimos ministros... senão pouco despois de Francisco de Sá morto. porque se ellas nam perdessem as fez imprimir ambas em Coimbra na forma em que andam e as tinha e lia muitas vezes.*

O visconde de Almeida Garrett, traçando um pequeno esboço da *Historia da lingua e da poesia portugueza*, mostrou se da opinião que as comedias de Sá de Miranda eram para admirar e constituiam um notavel monumento para a historia das artes pela feliz imitação dos antigos e pelo que excedem quanto até então se tinha escripto. Justo n'esta apreciação, Garrett deixou-se, comtudo, levar pelo pessimismo de considerar funesto o impulso dado por Sá de Miranda ao theatro portuguez, funesto e como tendo-o destruido ao nascer. N'esta mesma direcção, Andrade Ferreira acha que a influencia italiana não deu de si mais que a memoria de varias tentativas eruditas.

Comprehende-se que o publico preferisse o theatro tal como o apresentava a musa negligente e faceta de Gil Vicente e João Prestes, em que havia sido creado e que o interessava porque o divertia. Natural que antes quizesse as jocosidades por vezes grosseiras dos autos populares a conservar a sua grave compostura ante as subtilezas da arte e correcção das comedias ao gosto classico, a que não estava habituado e que o não deixavam á vontade, acabando por o fazer bocejar. Parece-nos,

exagero, porém, inferir d'ahi a funesticidade da obra de Sá de Miranda.

Seriam as comedias de Sá de Miranda faltas de caracter nacional e improprias para dar uma bôa direcção ao theatro portuguez? Só um estudo profundo e demorado o pode decidir. Foi, todavia, essa corrente de reforma do theatro pela imitação da comedia classica que produziu essa obra immortal de Ferreira, a *Castro*, a primeira composição dramatica moderna, que reproduz o que existe de mais sublime e pathetico em um quadro de historia nacional, como escreve Andrade Ferreira.

O final de este periodo de actividade litteraria de Sá de Miranda foi assignalado por uma nova carta em redondilhas, dirigida a seu irmão Mem de Sá. Esta carta deve datar-se de pouco depois de 1543 porque allude á morte de D. Duarte e de Boscan.

Mem de Sá, ao contrario de seu irmão, procurava elevar-se pelas honrarias da côrte e alcançava ascender aos mais altos cargos do estado. Como governador geral do Brazil, o seu nome cobriu se de uma gloria immortal. Sá de Miranda, em sua carta, aconselha-o a evitar os escolhos da ambição e da vaidade para não ver a sua carreira naufragar inopinadamente. Para mostrar quanto mais valia a modestia do pouco em socego ante as incertezas inherentes ás maiores grandezas utilisa bellamente a celebre fabula do rato do campo e do rato da cidade.

Sá de Miranda confirma suas palavras com o exemplo de seu passado. Explica-lhe porque abandonou a côrte e descreve-lhe a vida tumultuaria que n'ella se passa e contra a qual se não podia já ir.

Polo qual a este abrigo,
Onde me acolhi cansado
E ja com assaz perigo,
A essas letras que sigo.
Devo que nunca me enfado,
Devo a minha muito amada
E prezada liberdade
Que tive aos dados jugada.
Aqui sômente é mandada
Da rezão boa e verdade.

Nas cortes não pode ser!
Vedes os tempos que correm!

E assí vemos té morrer
Irem muitos a correr
Por fugirem d'onde morrem.
Ora pôr peito á corrente,
Que sejais forçoso e são,
E de sangue inda fervente,
Gram nadador, claramente
E' quebrar braços em vão.

Que valem as riquezas comparadas com a liberdade? Ambições que passam com a edade!

Buscar e sonhar privanças,
Dar de entrada a liberdade
Logo por vãs esperanças,
Esses jogos, essas danças
Passem cca mocidade.

Da fraqueza propria vem o medo á pobreza.

Fracos de fe! e de fraqueza
Vêm estes nossos suores,
Estes medos á proveza.

E que desgraçada existencia a d'aquelles que só vivem da ambição e para a ambição.

Andando assi neste enlheo
Em quantos erros caimos
Sem conto, sem fim, sem meo;
Dormimos o sono alheo
O nosso não o durmimos;
Queremos o que outrem quer,
O que não quer engeitamos!
Estamos sômente a ver,
Rimos o alheo prazer,
E ás vezes quando choramos.

A carta a Mem de Sá foi a ultima composição notavel do poeta da Tapada. Sá de Miranda nada voltou a produzir que se possa destacar e os seus trabalhos poeticos posteriores limitaram se a moribundos clarões de um sol no poente. Emmudeceria ante a decadencia que escancarava a sua terrivel guella hiante com os primeiros horrores da Inquisição ou preoccupava-o em extremo o futuro dos filhos já homens ou, ainda, seria absorvido pela sua occupação mais constante de rever as obras antigas para as polir e aperfeiçoar, sobretudo a famosa e esplendida *Basto*, objecto dos seus mais dedicados cuidados e a que deu o maior realce? Talvez todos esses motivos concorressem para afrouxar a actividade do poeta.

Por 1551, o principe D. João, joven herdeiro do throno e que bem novo se declarava um decidido protector das lettras, mandou pedir a Sá de Miranda uma collecção de suas poesias. O poeta satisfez com empenho o pedido, sentindo se n'elle não só honrado, como apreciado. Era aquella solicitação confirmativa de seu triumpho.

As composições poeticas de Sá de Miranda só em 1595, annos depois de sua morte, é que foram pela primeira vez impressas. Nem por isso sua influencia se exerceu menos accentuada, pois corriam manuscriptas de mão para mão amiga. Aquelle cenaculo da Tapada cedo se tornou o foco de onde irradiou a luz que trouxe a restauração da poesia portugueza, o centro do movimento poetico do paiz. O nome de Sá de Miranda foi sempre augmentando até se impôr aos outros quinhentistas com um predominio a que lhe dava jus a sua vasta e solida erudição, a auctoridade de seu caracter e a sua obra admiravel.

Em torno do venerando moralista e brilhante poeta começaram a agrupar-se, quer pela communhão de idêas, quer pelas relações pessoaes, os espiritos esclarecidos do tempo, como Ferreira, Diogo Bernardes, D. Manuel de Portugal, Francisco de Sá e Menezes, Pero de Andrade Caminha e outros. Soccorriam-se á sua experiencia, consultavam-o, ouviam-o e submettiam-lhe as suas producções.

Diogo Bernardes, ao tempo em que ainda se conservava em sua terra natal, Ponte de Lima, visitava a miudo a Tapada onde Sá de Miranda o recebia com a mais carinhosa intimidade. Em sua primeira carta, escripta em tercetos á maneira italiana, confessa que é a elle que toma por mestre.

> O doce estylo teu tomo por guia,
> Escrevo, leio e risco; vejo quantas
> Vezes se engana quem de si se fia.
>
> ....
> Não te deram os céos graças tamanhas,
> Para só as lograres, mas por seres
> Bom mestre de artes boas, boas manhas.

Sá de Miranda recebeu com enthusiasmo essa estreia do novel poeta. Com a sua benevolencia paternal, dirigiu-lhe este mimoso soneto:

> Neste começo d'ano em tam bom dia,
> Tam claro, porque não faleça nada,

Me foi da vossa parte apresentada
Vossa composição boa a porfia.

De que espanto me encheu quanto ali via!
E mais em parte ca tam desviada
Sempre até gora da direita estrada
De Clio, de Caliope e Talia.

Oh que enveja vos hei a esse correr
Pola praia do Lima abaixo e arriva
Que tem tanta virtude de esquecer,

O que estes tristes coraçõis aliva,
Do pesar igualmente e do prazer
Passado, que não quer que inda homem viva.

Caminha teve tambem, muito cedo, amizade com Sá de Miranda. O sr. Theophilo Braga attribue mesmo a essa circumstancia uma parte da celebridade de que aquelle gosou.

A Ferreira nunca Sá de Miranda viu. Pois não era dos que menos o adoravam pela sua vida integra e caracter austero e admiravam pela sua grande obra de renovação litteraria. Mais tarde, Ferreira lamentou acerbamente nunca se haver encontrado com o poeta da Tapada.

Ah meu bom mestre, ah pastor meu amigo,
Como minha alma e os olhos se estendiam
Por ver-te, e o duro tempo foi-me imigo!

Mas inda que os meus olhos te não viam
Cá te tinha minha alma, e teus bons cantos
Lá me levavam, e de ti todo enchiam.

A geração, que se vinha manifestando exuberante de talento, encarava com a mais commovida veneração e respeito o grande poeta que tanto trabalhara pelo florescimento das lettras patrias. Conhecia que muito e muito se devia a esse homem verdadeiramente nobre e justo. Da forma como o considerava, dá idêa o admiravel retrato que Ferreira d'elle traçou.

Chamar-te-hei sempre bem aventurado.
Que tanto ha que em bom porto co essas santas
Musas te estás em santo ocio apartado.

Não esperas, não temes, não te espantas;
Sempre em bom ocio, sempre em sãos cuidados,
A ti só vives lá, e a ti só cantas.

Os olhos soltos pelos verdes prados,
O pensamento livre, e nos céos posto,
Seguros passos dás e bem contados.

Trazes hua alma sempre n'um só rosto,
Nem o anno te muda, nem o dia,
Um te deixa Dezembro, um te acha Agosto.

Quam alta, quam christã philosophia,
De poucos entendida nos mostraste!
Que caminho do céo, que certa guia!

De ti fugiste, e lá de ti voaste,
Lá longe, onde teu sprito alto subindo
Achou esse alto bem que tanto amaste.

Novo mundo, bom Sá, nos foste abrindo
Com tua vida, e com teu doce canto,
Nova agua e novo fogo descubrindo.

Particularidade digna de mencionar-se e que o sr. Theophilo Braga nota: todos os poetas que se filiavam em a escola italiana e se dirigiam a Sá de Miranda, começavam por contar-lhe a sua vida, como para mostrar que era immaculada e que merecia a amizade d'elle. Tanta respeitabilidade infundia esse homem de um caracter integro e puro.

Sá de Miranda sentia um vivo prazer ao observar o triumpho de seus esforços. Quasi immediatamente surgiu uma serie de cataclysmos que veiu matar o poeta *logo tambem pera todas as cousas de seu gosto e antigos exercicios.*

A deploravel catastrophe de Ceuta, em 1553, em que pereceu a flôr da cavallaria portugueza, custou-lhe a preciosa vida de seu filho primogenito Gonçalo Mendes, ambição risonha de seu futuro, enlevo de sua alma, carinho de seu coração amantissimo. O poeta sentiu-se ferido rudemente por esse desabar de toda a sua esperança, de toda a sua felicidade futura.

Os vates da nova escola procuraram consolar a dôr de Sá de Miranda com sentidas elegias. Ferreira dirigiu lhe uma suavemente melancolica, vívida, procurando mitigar a dôr do attribulado pae pela idêa da morte gloriosa do filho que caira combatendo pela patria.

Oh alma bem nacida, que em tal guerra
Ganhaste uma tal vida, honra e gloria
Quem morte lhe chamar contra ti erra.

Sá de Miranda respondeu a Ferreira com outra elegia, vibrante da dôr mais profunda que pode exacerbar o coração de um pae extremoso. A sua magoa não lhe impede, porém, de admirar o talento

do joven adepto da nova escola e de o incitar a continuar na vereda encetada.

Vem um dando á cabeza e conta ufano
Cousas do seu bom tempo, ardendo em chamas
Polas que fez : todo al lhe é claro engano.
Andão se ás razõis frias polas ramas
Um vilancete brando, ou seja um chiste,
Letras ás invençõis, motes ás damas,
Ua pregunta escura, esparsa triste !
Tudo bom ! quem o nega ? mas porque,
Se alguem descobre mais, se lhe resiste ?
E como, esta era a ajuda ? esta a mercé ?
(Deixemos ja as mercés) este o bom rosto ?
De menos custa em fim que este tal é ?
E logo aqui tam perto, com que gosto
De todos Boscão, Lasso, erguérão bando,
Fizerão dia, ja quasi sol posto !
Ah que não tornão mais ! vão se cantando
De vale em vale de ar mais lumioso
E por outras ribeiras passeando.

A idêa de que a sua obra seria continuada por uma geração cheia de talento mitiga o pezar de Sá de Miranda. Desejava, porém, não ter de lamentar esse filho perdido em tão tenra edade: dezeseis annos. Como invejava a sorte d'aquelle Mestre Dom Rodrigo, chorado por seu filho Jorge Manrique!

Nos sonhamos aqui, tu vas te ao ceu.
Ditoso aquele mestre dom Rodrigo
Manrique, a quem em seu tempo louvou
O filho e deu ao corpo em morte abrigo.
Era ela conta igual que quem entrou
Antes á vida, saisse primeiro ?
Eu sou que devera ir ! quem nos troccu ?
....
Vai te a boa ora ; não tens de que devas
Temer ; la tudo é paz, tudo assossego !
Quem leva um tal seguro qual tu levas ?

Não se apagara ainda a saudade do filho querido e já uma nova desgraça feria o coração do poeta. A esposa virtuosissima, D. Briolanja, faltou lhe em 1555. Sá de Miranda entregou-se a extremos de sentimento *senam dignos do animo de hum tam grande Philosopho*, *devidos pollo menos á estimaçam que com seu profundo juizo fez daquella perda.*

Sá de Miranda sobreviveu ainda tres annos ao desapparecimento d'esse ente querido e, como affirma a *Vida*, por testemunho de pessoas que conheceram o poeta, *nunca mais sahio de sua casa, senão pera ovir os officios Divinos*, *nem apparou a barba*,

nem cortou as unhas, nem respondeu a carta que lhe alguem escrevesse até que acabou de todo.

Vivendo *ainda tres annos despois* de sua mulher, *nam se acha que composesse mais que hum Soneto que fez á sua morte.* Foi digna cupula posta á sua obra poetica.

Aquele esprito, já tam bem pagado
Como ele merecia, claro e puro,
Deixou de boa vontade o vale escuro,
De tudo o que ca viu como anojado.

Aquele esprito que, do mar irado
D'esta vida mortal posto em seguro,
Da gloria que la tem de herdade e juro
Ca nos deixou o caminho abalisado.

Alma aqui vinda nesta nossa idade.
De ferro que tornaste a antiga de ouro
Em quanto ca regeste a humanidade,

Em chegando ajuntaste tal tesouro
Que para sempre dura! Ah vaidade!
Ricas areas d'este Tejo e Douro!

Como se não fossem poucos os desgostos a abrirem-lhe a cova, os ultimos dias de Sá de Miranda ainda passaram amargurados com a noticia da morte do principe D. João, uma promessa para o paiz, quasi a seguir a do infante D. Luiz e, por ultimo, a de el-rei D. João III, o seu grande e nobre amigo, em 1557. Sá de Miranda sobreviveu apenas oito mezes a esta ultima e fulminante desgraça que vinha mergulhar o reino em as dissenções de uma funesta regencia.

O poeta da Tapada, o grande auctor da ecloga *Basto*, falleceu a 15 de março de 1558, com mais de sessenta e oito annos de edade. Recebeu modesta, mas digna sepultura, ao lado de sua mulher em a capella de Santa Margarida da egreja de S. Martinho de Carrezedo, em o arcebispado de Braga.

Muito sentida a morte do grande poeta por todos os adeptos da nova escola litteraria a que Sá de Miranda servia, por assim dizer, de elo. Não fosse o espirito do respeitado mestre que se apagára. Tinha se bem presente aquelles versos de Ferreira em que tão bem se synthetisa a grande obra de Sá de Miranda:

Novo mundo, bom Sá, nos foste abrindo
Com tua vida, e com teu doce canto,
Nova agua e novo fogo descubrindo.

Terminando

A *Vida*, o precioso documento anonymo que acompanha a segunda edição, de 1614, das obras poeticas de Sá de Miranda, serviu de guia e de base ao nosso estudo biographico-critico. Como tivemos occasião de ver, no que respeita a fixação de factos, ella nem sempre é veridica, deixando muito a desejar. Erra assim na data que attribue ao nascimento do poeta e em dizer que elle *estudou leys mais em obsequio ao gosto del Rey Dom João o Terceiro... que por inclinação que tivesse áquella maneira de vida*, phrases que reproduzimos atraz para accentuar as boas relações em que estava a sua familia com a casa real, não por as tomarmos á lettra.

Essas faltas do anonymo biographo, a nosso ver, em nada desmerecem o valor do documento que nos legou sobre a vida do glorioso solitario da Tapada. Ha grandes lacunas na *Vida*, erros de vulto, mas ella é bem realmente *collegida de pessoas fidedignas que o conhecerão* — ao poeta — *e tratarão e dos livros das gerações deste Reyno*. Tivemos occasião de o verificar notando a concordancia dos seus dados com os offerecidos pelos diversos nobiliarios e genealogias manuscriptas a que precisamos recorrer.

Uma d'essas genealogias, a *Nobresa de Portugal e Espanha*, de Manuel Faria e Sousa, em seu titulo dos *Sãs de Francisco de Sá de Miranda, senhores da quinta da Tapada*, teria poupado a muitos escriptores o engano de dar ao poeta como mãe a avó, se fosse consultada. Ella diz expressamente: — *Gonçalo Mendes de Sá, filho 2.º de Felipa de Sá e de seu marido João...*

Como deixamos dito, a carta de legitimação do poeta dá o nome da mãe de Sá de Miranda. A' obsequiosa amabilidade do erudito investigador sr. Sousa

Viterbo, devemos o saber que ella se chamava Ignez de Mello. Pertenceria esta senhora á geração dos Mellos de Coimbra? Seria nobre? Occuparia elevada posição social? São perguntas que suggere a particula *de* anteposta ao nome de familia e que resta averiguar. Que era *uma mulher de bem* affirmam-o os nobiliarios.

Não estão estes de accordo sobre se Sá de Miranda foi o filho primogenito do conego Gonçalo Mendes. Haja sido ou não, é incontestavel que o poeta possuia bens proprios. A familia dos Sás era das mais ricas e importantes do paiz.

Como se sabe, Garcilaso falleceu em 1536. Sá de Miranda compôz para o primeiro anniversario da morte do grande lyrico hespanhol a ecloga *Nemoroso* em que evidencia o mais intimo conhecimento não só de suas poesias como de sua propria vida. Das poesias tomou conhecimento pelo manuscripto com que o brindou o seu querido amigo Antonio Pereira. O saber de sua vida devia-o decerto a relações pessoaes, achando o sr. Theophilo Braga, natural que durante a sua viagem na Italia tivesse Sá de Miranda encontrado Garcilaso.

Uma ultima nota.

Attribuimos o casamento de Sá de Miranda a resultado de amor mais do que a desejo de gosar o viver modesto e socegado da familia e procuramos proval-o. Ainda como demonstrativo do que dissemos ha um soneto do poeta que vamos citar na forma porque o reproduziu o sr. Theophilo Braga, em sua *Historia dos Quinhentistas*.

> Como? e serà tão cego e sem sentido
> Amor, que umas rasões claras, tão chãs
> Não ouça? *e que não veja tantas cans,*
> Tanto tempo baldado e não vivido?